



Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu*
Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação
Campus Nilópolis

Leonardo de Freitas Onofre

**BAIXADA CULTURAL: OS COLETIVOS E AS REDES DE PRODUÇÃO
CULTURAL INDEPENDENTE NA REGIÃO**

(Nilópolis/RJ)

Março/2015

Leonardo de Freitas Onofre

**BAIXADA CULTURAL: OS COLETIVOS E AS REDES DE PRODUÇÃO
CULTURAL INDEPENDENTE NA REGIÃO**

Trabalho de conclusão do curso *latu-sensu* de pós-graduação apresentando como requisito para obtenção do título de especialista em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação (LACE/IFRJ).

Orientadora: Professora Doutora Fernanda Delvalhas Piccolo

Nilópolis/RJ

2015

Leonardo de Freitas Onofre

**BAIXADA CULTURAL: OS COLETIVOS E AS REDES DE PRODUÇÃO
CULTURAL INDEPENDENTE NA REGIÃO**

Trabalho de conclusão do curso *latu-sensu* de pós-graduação apresentando como requisito necessário para obtenção do título de especialista em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação (LACE/IFRJ).

Data de aprovação: 08/04/2015

Prof^aDr^a Fernanda Delvalhas Piccolo
(IFRJ/Nilópolis)

ProfDr Tiago José Lemos Monteiro
(IFRJ/Nilópolis)

Prof Me Edson Barros de Menezes
(IFRJ/Nilópolis)

Nilópolis/RJ

2015

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a todos os botecos/palcos da Baixada Fluminense por onde tive a oportunidade de me formar enquanto músico e posteriormente desenvolver a presente pesquisa.

A Pr^a Dr^a Fernanda Delvalhas Piccolo pelas trocas de idéias, orientações e conselhos nos momentos mais adversos da pesquisa. Ao corpo docente do LACE por contribuir significativamente no rumo acadêmico em que estou inserido e nos desdobramentos posteriores ao trabalho em questão.

A Giovanna pelo companheirismo intelectual e afetivo durante o tempo em que estivemos juntos. E aos amigos formados durante o curso que levo para toda a vida.

A Patrícia, Luz, Luiz, Livia e Cláudia pela amizade criada durante a trajetória no IFRJ Campus Nilópolis.

Ao meu grande amigo e irmão de vida Leandro Marlon pela ajuda nos trâmites técnicos de formatação sempre que solicitado.

Aos meus pais por sempre acreditarem na educação como caminho.

Brigadão.

Na Barriga-Mãe,
Um filho príncipe há
Nasce em Coelho da Rocha
E vai brincar de noite e dia
Noite e dia
Cresce sem pensar
Morre de bobeira
Sem escrever um livro
E plantar bananeira
A casa inteira:
Uma mangueira
Hoje vai ter, hein

(Maurício Galo)

RESUMO

O presente trabalho consiste em análises das práticas artísticas realizadas por diferentes coletivos e agentes da Baixada Fluminense, que se apresentam e se identificam como rede configurando outros sentidos e imaginários sobre a região a partir do território em que estão inseridos.

Palavras chaves: Baixada Fluminense, Produção Cultural Independente, Redes e Agentes

ABSTRACT

This work consists on analysis of artistic practices used by different collectives and agents of the Baixada Fluminense. These groups or individuals present themselves as network, circuit or scene setting other senses and imaginaries about the area from the territory where they live.

Keywords: Baixada Fluminense, Independent Cultural Production, Networks and Agents

Sumário

Introdução	9
Apontamentos teóricos –metodológicos	14
1 – Território Polissêmico: As Baixadas Fluminenses em cena	19
2 – <i>O Calendário Cultural</i> : as ações e articulações em rede a partir de Cineclubes Buraco do Getúlio da Pirão Discos	24
2.1 – O Buraco do Getúlio	25
2.2 – A Pirão Discos	31
3 – Uma rede em constante construção.....	38
3.1 As diferentes concepções de rede pelos agentes.....	44
Considerações Finais	48
Referência Bibliográfica.....	50

INTRODUÇÃO

Nasci e cresci na cidade de Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, e é a partir dessa cidade que sempre enxerguei o mundo: sempre foi meu centro, de onde partem minhas referências e onde estão calcadas as sensações de pertencimento e identidade as quais me norteio. Assim, como relativa parte das crianças dessa região nas décadas de 90 e anos 2000, minha infância foi marcada pela simplicidade do cotidiano onde as paisagens limítrofes entre o urbano e o rural são contínuas, caóticas e indissociáveis: o verdudeiro disputando a calçada com o jogo do bicho; o cavalo que se desprende do poste; a globalização dos meninos com Reebok pisando no barro; as pipas pela manhã e o videogame à tarde. Se existia um outro mundo, nos era ainda inacessível.

Saí do bairro Califórnia, onde cresci, aos 18 anos, perdendo significativa parte dos vínculos com aqueles que partilhei a maior parte da minha vida. Entretanto, quando por algum motivo volto as ruas que brinquei, carrego sempre a sensação de que aqueles meus amigos de outrora estão sempre lá: casando, tendo filhos e criando suas raízes ali. Sempre felizes e realizados. Completamente estranhos a realidade atual em que estou inserido.

Ao olhar para trás nesse breve retrospecto afetivo, não há qualquer evidência de memória em relação ao envolvimento do meu círculo social no que diz respeito ao nosso contato com as atividades culturais, ou ligações com o mundo das artes. A própria palavra cultura já denota um estranhamento, não fazendo parte do nosso dia-a-dia. Num primeiro momento, cultura é uma palavra associada e naturalizada - no caso em questão, meu círculo de convivência infantil – como ir ao teatro, ler livros, entender de filmes.

Depois de anos de afastamento do meu círculo de socialização de infância e adolescência, voltei a minha rua enquanto professor de história, estagiando num colégio estadual que levava o mesmo nome do bairro onde cresci, Califórnia. Busquei compreender o que jovens de escolas públicas, com trajetórias semelhantes a minha, residentes do mesmo espaço que também ocupei anos atrás, entendiam por *cultura*¹.

As respostas dos alunos, em sua maioria, não variavam em relação ao que também respondia com a idade correspondente a deles (15 aos 18): “*a cidade não tem nada*”, “*aqui nada acontece*”, “*não tem nada pra fazer*”, “*não existe cultura*” entre inúmeras outras falas que evidenciavam um elemento em comum: a sensação de inexistência de uma vida cultural na cidade e adjacências.

Os argumentos sobre a “ausência de cultura” reproduzidos em diferentes momentos durante a observação de campo (principalmente por parcela do público na faixa etária dos 16 aos 18 anos) é plausível quando pensamos a escassez de aparelhos culturais² compreendidos a partir das discussões sobre Indústria Cultural (ADORNO&HORKHEIMER, 2007). Nesse sentido, há ainda hoje uma ausência estrutural no âmbito do entretenimento regional, o que nos permite a compreensão da escassa oferta de espaços destinados a fruição cultural, principalmente quando levamos em consideração a disparidade entre aparelhos culturais na capital e na região em questão. Atualmente há 6 salas de cinema³ para uma região de aproximadamente 4 milhões de habitantes. Os filmes, exibidos em redes de shoppings, não deixam margem para outras possibilidades de consumo fora do mainstream, ao contrário das salas de cinema do Centro e Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro.

O trajeto afetivo descrito acima tem uma relação intrínseca no tocante com o processo da pesquisa a seguir: compreender as contradições do que consagrou-se no imaginário sobre a região como fator *ausência*; uma vez que, na prática, tal *ausência* pode ser entendido aqui como elemento fomentador de alternativas culturais, possibilidades estéticas e re-interpretações acerca das imagens de Baixada Fluminense.

Tais alternativas de produção possibilitam diferentes dinâmicas de vivência em relação a produção cultural da cidade.; contrapondo, na prática, os discursos que caracterizaram a Baixada como região de *idades dormitórios*⁴, ou seja, uma território marcada por profundos problemas estruturais⁵, historicamente as margens do que acontece na capital, o Rio de Janeiro,.

Há diferentes traços constituintes na relação entre *Baixada Fluminense e cultura*. O primeiro, compartilhado por parte significativa de artistas e produtores, diz respeito a histórica e conturbada relação com as esferas de poder público.

² Por aparelhos culturais convencionais entendemos um conjunto de espaços e mecanismos clássicos na discussão sobre entretenimento e consumo: salas de cinema, teatros, gravadoras, editoras e afins.

³ Atualmente, as salas de cinema da Baixada pertencem as redes de shoppings centers, como as salas Kinoplex no Shopping Grande Rio (São João de Meriti), a Multiplex (Duque de Caxias) e Kinoplex Top Shopping (em Nova Iguaçu). Há ainda antigos cinemas que passam por dificuldades para manter-se, como o Cine Santa Rosa (Duque de Caxias) e o Cinema Center (Nova Iguaçu) que atualmente dedica-se a programação erótica.

⁴ O termo “*cidade dormitório*” é comum a quem nasce na região. Surge na segunda metade do século XX, a partir da configuração geopolítica que ainda hoje caracteriza o território: o processo de loteamento de terras para trabalhadores oriundos, em sua grande maioria, de fora do Estado do Rio de Janeiro, que devido ao alto preço imobiliário da capital e facilitados pela extensão ferroviária cortando a Zona Norte e a Baixada, constroem suas residências nas cidades até então pouco povoadas, onde apenas voltariam para “*dormir*” depois do jornada de trabalho na capital. O termo aparece em diferentes trabalhos: ENNE (2002), TORRES (2004), SOUZA (2004) SIMÕES (2006), entre outros.

⁵ Sobre os estigmas e o papel da imprensa na consolidação dos imaginários de violência e pobreza ver ENNE (2002).

Durante o período da pesquisa, foi possível perceber que ainda há na Baixada Fluminense a concepção, principalmente por parte dos organismos públicos, da ideia de cultura enquanto “*moeda de troca*” ou “*evento*”, termos frequentes utilizados por parte dos entrevistados que criticam grandes shows em datas comemorativas da cidade, principalmente a “*Festa do Aipim*” em Nova Iguaçu, cuja verba destinada a contratação de artistas de renome da showbusiness nacional beira à cifras milionárias, enquanto artistas locais são anualmente relegados a um segundo plano na programação da festa.

Há conflitos nítidos: enquanto o setor cultural se mobiliza (historicamente) na luta por políticas públicas para a área em que atuam – propondo políticas de incentivo e fomento, fóruns, conselhos e associações – o poder público se porta alheio aos anseios, produções e reivindicações da classe artística; argumentando não existir verba, fundos e meios para atender as propostas de artistas locais, embora, de maneira paradoxal, promova empunhando a bandeira da cultura, eventos com pagamento de altas cifras para artistas de fora em festas temáticas como “*Rodeio*” ou a já mencionada “*Festa do Aipim*” que ocorre na área de proteção ambiental de Tingüá.

Tais características da vida cultural da cidade de Nova Iguaçu constituirá uma das principais críticas de diferentes personagens atuantes observados no campo (não só da cidade de Nova Iguaçu, mas também dos recentes centros urbanos): a ideia de “*cultura como evento*”, incompreendida como esfera autônoma da vida pública, enquanto o segmento artístico se organiza através de inúmeras associações como Fórum de Cultural da Baixada Fluminense e o Recult (Fórum Independente de Redes de Cultura de Nova Iguaçu), ambas entidades civis sem fins lucrativos, formadas por grupo de cidadãos, instituições e movimentos culturais interessados no desenvolvimento das questões relacionadas a cultura da região.

A concepção de cultura por parte das autoridades públicas na região é historicamente marcada pela aglutinação da mesma com outras esferas, como “*lazer*”, “*esporte*”, “*turismo*” ou “*educação*”, configurando secretarias de extensos nomes e competências: “*Secretaria de Esporte, Lazer e Cultura*” ou “*Turismo, Lazer e Cultura*”. Nas últimas décadas o quadro vem mudando, o que demonstra um processo, ainda lento, de mudança de mentalidade no tocante a dimensão da cultura.

O segundo elemento importante nas discussões sobre *Baixada e Cultura*, diz respeito ao problema de memória. A trajetória de diferentes grupos culturais em diferentes décadas é ainda obscura, embora antigos produtores e artistas estejam presentes em números nos eventos observados.

Um exemplo significativo referente a movimentação cultural de décadas anteriores (80 e 90) que ainda hoje se mostra presente na vida cultural da Baixada, é o Desmaio Publiko, grupo literário encabeçado pelos poetas Cezar Ray, Eud Pestana e Moduan Matus. Artistas atualmente na faixa dos 40 a 50 anos de idade, que continuam mantendo suas atividades buscando consonância com as novas gerações.

No entanto, por diversos motivos, principalmente devido as condições materiais e tecnológicas dos anos 70 e 80, não há um *link* geracional entre as antigas produções com as novas gerações, uma vez, que os produtos estéticos e outrora não se materializaram (poucos são discos, livros, documentários e documentos sobre a vida cultural em geral), nem mesmo se tornaram parte da memória oficial ainda restrita as primeiras décadas do século XX, período auge da citricultura na região.

Nesse sentido, a memória de diferentes movimentos, festas, festivais e personagens estão ainda hoje legados aos agentes (formado por artistas e público) que durante esse período estabeleceram relações de afetividade com os trajetos sócio-culturais de sua geração e de seu tempo.

Levando em consideração o relato acima, a pesquisa em questão parte de perspectivas distintas, as quais seriam impossíveis dissociar: a olhar de pesquisador e de músico inserido no mesmo campo que investigo. A pesquisa parte de uma perspectiva antropológica de observação de campo, a partir das dinâmicas pessoais e profissionais..

Passei a frequentar, como veremos adiante, os principais *eventos independentes*¹¹ da minha cidade, Nova Iguaçu, sendo incorporado a um outro meio de sociabilidade, vivência e experiência. Por independentes, entendemos aqui o conjunto de ações realizados por coletivos que não dependem de qualquer apoio, ligação ou financiamento do poder público da região. Existem por vontade e demanda de seus realizadores e público.

Por vias de acasos e circunstâncias; sem saber exatamente o que acontecia no meu território, mas, interessado na interação com pessoas e espaços com os mesmos propósitos e anseios, adentrei no contexto sócio-cultural que até hoje estou inserido e do qual me sinto pertencente, a da vida cultural independente da Baixada. Antes de pensar em estudar a Baixada Fluminense a partir de um recorte acadêmico, acabei por descobrir – a convite de antigos amigos do ensino médio recém ingressos no curso superior – o *Ananias Bar* em 2007, como veremos adiante.

Na UFRRJ – Nova Iguaçu iniciei os estudos sobre as dinâmicas indicadas por agentes e artistas como essenciais na vida cultural da cidade, o universo dos *bares*: na ausência de mecanismos, estrutura e possibilidade de compreensão da vida cultural a partir

de cinemas, teatros, editoras e estúdios convencionais; artistas, produtores e público viabilizavam suas produções via espaços re-apropriados, tendo nos bares, calçadas, praças, papéis de destaque, onde escreviam e xerocavam seus livros e poesias em papéis baratos, tocavam por cima de caixas de cerveja, e escoavam suas realizações em diferentes bares das cidades.

O percurso investigativo também vinha dos bares e era referente a parcela das fontes e relatos contradiziam o discurso de “ausência”: a apropriação de espaços informais e improvisados o como caso do Daniel’s Bar, a Casa da Pantera, o Barracão do Bigode, o Labionda, a Bronca do Sol, o Magela entre inúmeros outros bares que serviram durante décadas como ponto de encontro, sociabilidade e palco num misto de entretenimento e brincadeira; de limites plurais entre artistas e público (ONOFRE, 2011).

Tal lógica de atuação nos bares não é diferente dos dias atuais, tendo em jogo outros ingredientes, como a re-apropriação da praça, da expansão extra-território das falas, a maior visibilidade das produções feitas na região, principalmente devido ao papel das mídias, e por último, da configuração positiva de elementos identitários anteriormente negativados, e a ação e organização através de *coletivos*: grupos que produzem e atuam em diferentes áreas (principalmente na música, poesia e audiovisual) tendo como referência a semelhança a apropriação da Baixada como um elemento motriz em suas idealizações. Entre os principais coletivos que interagem e se reconhecem a partir da ideia de rede, discutiremos o cineclube Buraco do Getulio, o selo Pirão Discos e o grupo literário Poetas e Afins, e de que maneira a Baixada Fluminense aparece como elemento estético e identitário em suas ações durante o período de fevereiro de 2014 a fevereiro de 2015.

APONTAMENTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS

A metodologia empregada para o desenvolvimento da pesquisa, foi qualitativa e a partir da observação participante. Este método consiste na inserção, aceitação e participação do pesquisador nos eventos do grupo que está estudando, a fim de compreender as dinâmicas do objeto observado. Para MALINOWSKI (1976), pai da observação participante e autor do clássico “*Os Argonautas do Pacífico Ocidental*”:

Observar e *participar* para entender é melhor do que simplesmente perguntar, as respostas vêm com o tempo, junto com a observação e a participação. O diário de campo, o gravador, a máquina fotográfica e a de filmar são acessórios que auxiliam na construção da pesquisa. (MALINOWSKI, 1976. p.64)

Sobre a possibilidade metodológica e teórica de estudar a esfera de convivência, VELHO (1978) desconstrói o tabu antropológico o qual acreditava-se ser apenas possível pesquisar através das lentes da antropologia as sociedades distantes da realidade do etnógrafo

O fato de dois indivíduos pertencerem a mesma sociedade não significa que estejam mais próximos do que se fossem de sociedades diferentes, porém aproximados por preferência, gostos, idiossincrasias [...] dentro da grande metrópole, seja Nova York, Paris ou Rio de Janeiro, há descontinuidades vigorosas entre o ‘mundo’ do pesquisador e outros mundos, fazendo com que ele, mesmo sendo nova-iorquino, parisiense ou carioca, possa ter a experiência de estranheza, não reconhecimento ou até choque cultural comparáveis a de viagens a sociedades e regiões ‘exóticas’. (VELHO, 1978, p.14)

Ao afirmar a possibilidade de *transformar o familiar em exótico*, VELHO nos chama a atenção de que a “*realidade*” é condicionada por determinado ponto de vista do observador. Ao estudar o que está próximo, a sua própria sociedade, o antropólogo expõe-se com maior ou menor intensidade, a um confronto com outros especialistas, com leigos e até, em certos casos, com representantes do qual foi investigado, que podem discordar de suas interpretações

Assim, ao estudar o que está próximo, a sua própria sociedade, o antropólogo expõe-se, com maior ou menor intensidade, a um confronto com outros especialistas, com leigos e até, em certos casos, com representantes dos universos de que foram investigadores, que podem discordar das interpretações do investigador. Vivi essa experiência em minha pesquisa sobre uso de tóxicos em camadas médias altas, quanto pelas duas pessoas que eu tinha entrevistado não concordaram com algumas minhas conclusões, apresentando críticas que me levaram a rever pontos importantes. Embora isso possa acontecer no estudo de outras sociedades, é menos provável porque, normalmente, feita a pesquisa, o investigador volta para os seus pares ou cidade e tem menos oportunidades de

confrontar-s com as opiniões, daqueles a quem estudou. [...] O processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações. (VELHO, 1978, p.34)

Nesse sentido, partilhando da premissa teórica e metodológica acima, a observação do universo se dá a partir da participação nos eventos discriminados anteriormente; o conjunto de ações de determinados coletivos que se identificam enquanto rede; e, simultaneamente, do afastamento e estranhamento do ambiente em que estou inserido enquanto músico.

Além da observação participante, optou-se também por entrevistas, tanto com artistas, público, quanto com os agentes idealizadores. Ao todo foram realizadas quinze entrevistas. Os nomes abaixo são fictícios.

Nome	Profissão	Idade	Sexo	Cor	Local Entrevista	Residência
Carlos. A.	Professor /Poeta	26	Masculino	Pardo	Sarau V (N.Iguaçu)	Mesquita
Eduardo. C.	Ator/Músico	33	Masculino	Negro	Residência (S. J de Meriti)	São João de Meriti
Maria Flor	Pedagoga/Poeta	40	Feminino	Negra	IFRJ(Nilópolis)	Mesquita
Antônio F.	Estudante/Poeta	22	Masculino	Pardo	Sarau V	Nova Iguaçu
Sebastião G.	Músico	35	Masculino	Negro	Enraizados (Nova Iguaçu)	Nova Iguaçu
Glauber .S	Cineasta	32	Masculino	Branco	UERJ-FEBF (D. de Caxias)	Duque de Caxias
João Vinícius	Músico	25	Masculino	Negro	B. do Getúlio (N.Iguaçu)	S.J. de Meriti
Claudiene E	Estudante	22	Feminino	Parda	Ananias Bar	Nova Iguaçu

					(N.I)	
Tulio. M	Técnico em informática/Funcionário Público	31	Masculino	Branco	B. do Getúlio (N.I)	Nova Iguaçu
Mauro V	Músico/Poeta	43	Masculino	Branco	Bar Caminho de Casa (N.I)	Nova Iguaçu
Fábio C	Músico	24	Masculino	Negro	CGB (SJM) ¹²	S.J de Meriti
Jefferson C	Produtor/Músico	25	Masculino	Negro	Centro/N.I	BelfordRoxo
Manoel J	Estudante	20	Masculino	Negro	Centro/N.I	N.Iguaçu
Tarso B	Produtor	28	Masculino	Negro	IFRJ	R. de Janeiro
Marcos S	Dentista/Músico	37	Masculino	Branco	Centro/N.I	N.Iguaçu

Em relação as entrevistas, optou-se pelo modelo semi-estruturado; que combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. Nesse modelo de entrevista, o pesquisador segue um conjunto de questões pré-definidas, mas a desenvoltura deve seguir o modelo semelhante de uma conversa informal:

O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. (BONI, 2005. p.4)

A definição de “artista”, enquanto profissão, é ambígua entre os entrevistados, uma vez que apenas poucos mantêm-se financeiramente das atividades provenientes da arte. Como veremos adiante, parte relativa dos artistas observados inicia sua produção dentro das esferas de sociabilidade dos eventos que frequentam anteriormente como público. Característica que também se aplica a minha trajetória: comecei frequentando o Buraco em 2007 enquanto público, possibilitando-me outras dinâmicas e em 2011 me apresentei pela primeira vez enquanto músico. Ou seja, não há uma fronteira nítida entre o emissor o receptor nessa lógica de funcionamento das atividades em questão: parte do público presente nas sessões apresenta ligações, mesmo que mínimas, com alguma manifestação artística.¹³

É o que também ocorre, de forma semelhante a minha trajetória, com diversos outros jovens artísticas, principalmente os escritores: não há empecilho, regras ou estatudo para fazer parte de um coletivo literário, basta querer estar junto do coletivo, escrever e declamar.

¹² Cinema de Guerrilha da Baixada. São João de Meriti.

¹³ As sessões do cineclubes Buraco do Getúlio variam de 100 a 200 pessoas por noite.

Ainda em termos de fontes consultadas, é de importante relevância e contribuição para a pesquisa o tempo em que participei enquanto pesquisador voluntário do projeto Rede Escuta Música Baixada, coordenado pelo Prof^oDr^o Álvaro Neder, no IFRJ, durante o primeiro semestre de 2013. A partir das entrevistas realizadas pelo projeto, recorri a uma série de entrevistas disponíveis na página do grupo na plataforma youtube¹⁴. Dentre as sete entrevistas utilizadas, cinco são peças-chaves na discussão sobre Baixada Fluminense, rede e cultura, integrantes dos coletivos cineclube Buraco do Getúlio, do festival de música Rock Pense, e do selo Transfusão Noise Records, além de um agente que circula frequentemente pelos eventos e produções que se intitulam enquanto rede. Por estar disponível no youtube, as falas utilizadas do Rede Escuta Baixada são abordadas a partir dos nomes reais dos agentes

Nome	Profissão	Idade	Sexo	Cor	Residência
Giordana Moreira	Produtora	33	Feminino	Branca	Nova Iguaçu
Lê Almeida	Músico	30	Masculino	Negro	S.J.de Meriti
Luana Pinheiro	Produtora	28	Feminino	Branca	Nova Iguaçu
Diego	Cineasta/Professor/	30	Masculino	Pardo	Nova Iguaçu

Categoria de Agente

O trabalho busca compreender as dinâmicas de atividades culturais independentes de cunho autoral a partir das ações desenvolvidas por seus realizadores, *os agentes*: categoria social desenvolvida por BOURDIEU (1992), caracterizada pelo entendimento de que os indivíduos possuem *escolhas*, compreendidas e dialogadas dentro dos jogos de funcionamento disponíveis, mas não determinante, em seus respectivos *habitus*. Segundo BOURDIEU

um indivíduo/agente é ‘formatado’ para atuar num ‘sistema compatível (campo), e o conteúdo dessa formatação seria o *habitus*. A ação do indivíduo é construída num processo genealógico de sua existência social, nos campos que ‘visita’ em sua vida, e seus interesses de campo. (BOURDIEU, 1992. p.116)

¹⁴ Rede Escuta Baixada. Disponível em <http://www.redeescutabaixada.com.br/>. Acessado durante o mês de março de 2015.

Nesse sentido, os *agentes* observados dentro da lógica de funcionamento das atividades culturais são cruciais para entendermos as trâmites pelos quais produzem, consomem e relacionam-se com a Baixada Fluminense a partir da ótica da produção cultural autoral, na medida em que operacionalizamos a categoria de agente a partir da ideia de a função do agente atua dentro dos diferentes campos de interesse no habitus.

Categoria de Rede

Por rede entendemos aqui um modelo de associação social estruturado e interligado, sem fronteiras cristalizadas e que evoluem acrescentando, alterando ou excluindo pontos de acordo com a performance para a rede (CASTELLS, 1996, p.48). As redes são construídas socialmente e a partir dessa categoria que buscaremos entender as produções culturais em questão.

No entanto é importante frisar que ao longo do texto, duas concepções de rede são evidenciadas na leitura a seguir: a primeira é referente a ideia de rede enquanto conceito, operacionalizado na pesquisa enquanto ferramenta a fim de compreendermos as dinâmicas culturais em questão. A segunda denominação de rede é própria do campo; palavra utilizada por artistas, público e produtores para denominarem suas próprias ações no território, sem qualquer vínculo acadêmico.

No Capítulo I analisaremos as diferentes concepções de Baixada Fluminense por diferentes perspectivas: *Baixada Histórica, Baixada Política, Grande Iguassú, Baixada Geopolítica e Baixada Cultural*.

Discutiremos no Capítulo II a ideia de calendário cultural a partir da trajetória de dois coletivos específicos: o Buraco do Getúlio e a Pirão Discos e suas articulações produtivas em rede.

Ao longo do capítulo III problematizaremos as concepções de *rede* encontradas nas produções dos diferentes agentes e coletivos da Baixada Fluminense.

1. TERRITÓRIO POLISSÊMICO: AS BAIXADAS FLUMINENSES EM CENA

A experiência investigativa no campo contribuiu para a que ideia inicial, a concepção de um campo harmônico em consonância, sofresse alterações durante o percurso investigativo, principalmente em relação as distintas compreensões sobre o que enxergam enquanto *Baixada Fluminense, cultura independente e ações em rede*.

No entanto, é importante ressaltar uma discussão anterior às abordagens sobre rede e cultura: a questão dos múltiplos significados acerca da ideia de Baixada Fluminense e como cada coletivo, grupo ou artistas interpreta o local onde atua. Nesse sentido, recortar delimitar o que convencionamos na pesquisa como Baixada Fluminense consiste num primeiro desafio *conceitual*, principalmente por não haver um consenso sobre suas fronteiras e demarcações, tanto no *sensu comum* quanto nas discussões acadêmicas. Em “*Cidade Estilhaçada*”, SIMÕES (2006) discute e apresenta diferentes perspectivas, contextos e uma série de possibilidades de classificações acerca das múltiplas definições de Baixada Fluminense

Não existe um consenso geral do que seja a Baixada Fluminense, quais os seus limites e os municípios que a compõem. A cada trabalho sobre a região reabre-se o debate, pois cada autor se coloca de maneira diferenciada com relação a área a ser delimitada. Contudo, existem alguns consensos que devem ser ressaltados. Os municípios de *Nova Iguaçu e Duque de Caxias* são apontados, com unanimidade, como núcleos dessa região, assim como não há questionamento sobre a inclusão de seus ‘satélites’ imediatos, como *Belford Roxo, São João de Meriti, Nilópolis, Mesquita, Queimados e Japeri*” (SIMÕES, 2006, p.35)

Embora as fronteiras sejam ainda hoje alvo de profundas discussões e incertezas, podemos encontrar alguns padrões acerca dos limites que se repetem e são reiterados na literatura sobre a região. Em PRADO (2000), ENNE (2002), OLIVEIRA (2004), TORRES (2004), SIMÕES (2006), o que difere são os usos e inclusões de municípios historicamente não ligados aos “*núcleos duros*”: expressão utilizada por SIMÕES para retratar a influência de Nova Iguaçu e Duque de Caxias em relação aos municípios que posteriormente emanciparam-se política e administrativamente das duas cidades.

O autor identifica uma série de possibilidades de compreensão do território a partir de diferentes perspectivas; a primeira delas é o que autor denomina como *Baixada Histórica* (SIMÕES): categoria que identifica *no passado* da região elementos de identidade,

pertencimento e laços políticos. A esse passado é atribuído, por descendentes de antigas famílias, uma *aúrea saudosista*, remetendo a época que Nova Iguaçu (e conseqüentemente todos os outros municípios que a ela pertenciam, como Queimados, Belford Roxo, Japeri e Mesquita¹⁵), era conhecida como “*cidade perfume*”; devido ao cheiro exalado pelos pés de laranja por toda a cidade, uma vez que a cidade de Nova Iguaçu era conhecida (durante as primeiras décadas do século XX como a segunda maior produtora de laranjas do mundo (SOUZA, 2004), perdendo apenas para o estado americano da Califórnia.

Durante a observação de campo e incluindo minha própria trajetória dentro da cidade, foi possível perceber que há um problema em relação a memória histórica da Baixada (ENNE, 2002), principalmente pela não identificação da população em geral com os grandes: barões, lajanjeiros, comerciantes, comenadores e afins. Ao contrário, em discussões mapeadas na internet sobre políticas públicas para Baixada¹⁸, é possível identificar nas vozes da militância cultural contemporânea uma crítica ao passado da região.

Ainda sobre a questão da memória e sua realção com os sentidos de Baixada, podemos citar aqui um exemplo de como as plataformas e páginas virtuais possibilitam uma maior participação por parte do público nas esferas de sociabilidade do território, entendidas como arenas democráticas de questionamentos do *status quo* são os *grupos*²⁰, principalmente a partir do facebook. Embora a pesquisa não aborde o campo a partir de uma perspectiva metodológica netnográfica, foi de fundamental importância estar inserido em uma série de grupos e fóruns ligados a vida cultural da região, principalmente pela possibilidade de ouvir/ler relatos de personagens presentes na cena, interessados em desconstruir trajetórias e imaginários hegemônicos em relação à região. Parte desses relatos em grupo são oriundos, principalmente, de parcela do público que durante as sessões não se manifestam com tanta veemência quanto no mundo virtual, como o caso do estudante de história Moisés T, 25 anos, branco, residente de Nova Iguaçu, estudante de história, interessado em cinema, e Cassiano B (mencionado no quadro de análise da introdução), que participavam de *um grupo de cultura* (fechado, ou seja, para estar inserido é preciso ser aceito) chamado “*Projeto Itáu Casa de Cultura*”.

¹⁸ A internet é hoje uma das principais arenas de discussão sobre a vida cultural por parte de artistas e público da Baixada Fluminense, principalmente através de inúmeros mecanismos de “aglomeração” possibilitados pelo facebook, por exemplo, como “grupos”, “páginas”, “notas” e “postagens”. Tais grupos apresentam algumas peculiaridades: são fechados e necessitam de aprovação por parte dos envolvidos para estar inserido.

¹⁹ Durante a pesquisa, obtive a oportunidade e privilégio de estar inserido em diferentes grupos de “cultura” do facebook. Criado por lideranças culturais da região, tem como principal objetivo diminuir as possíveis distâncias de comunicação entre artistas e público.

Numa das inúmeras discussões do grupo de cultura em questão, estava em destaque qual deveria ser o nome da residência, caso o projeto fosse contemplado. Entre diversas sugestões, destacavam-se as que de alguma forma, tentavam articular a designação do domicílio com a identidade e o passado da região, e, argumentos que contrapondo a idéia anterior, colocavam em debate a concepção de identidade e pertencimento frente ao passado da região, construído a partir da trajetórias dos personagens políticos ligados à elite da região.

Os que argumentavam que a residência artística deveria ter relação com o passado da cidade, embasavam-se na concepção de que “Casa Laranja” seria um nome significativo, principalmente Cassiano B. Do outro lado do debate, estava Moisés T, estudante de história, argumentando que o passado cítrico da cidade seria o passado da elite: dos grandes citricultores, fazendeiros e coronéis, que ao longo da construção da história local, colocaram a margem da memória os trabalhadores que sucumbiam as péssimas condições das lavouras, que submetiam a condições desumanas de trabalho e moradia. Tentando contrapor a argumentação historiográfica de Moisés T, alguns membros do grupo responderam que intitular de “Casa Laranja” um mesmo concorrendo que o termo “laranja” pertence a um passado sem nenhum vínculo afetivo com seus antepassados (não pertencentes a antiga elite iguaçuana) significava “re-significar” – termo que discutiremos mais adiante – um elemento que historicamente foi abordado de maneira hegemônica pelas classes dominantes.

No âmbito acadêmico, também não há consenso sobre os limites da região. Os múltiplos significados são problematizadas por SIMÕES, como a de “*Grande Iguaçu*” (MONTEIRO, 2001) que leva em consideração, principalmente, as dinâmicas sócio-políticas da Baixada a partir da emancipação dos territórios que ao longo da segunda metade do século XX se desmembraram do município mãe. Essa categoria é semelhante a outra classificação mais recente de OLIVEIRA (2004) a de “*Baixada Política*”, limitando o raio de compreensão do território a partir de Nova Iguaçu e Duque de Caxias.

Há um consenso teórico nas diferentes concepções de Baixada que apresentam os municípios de Itaguaí, Seropédica e Paracambi como outras Baixadas, devido, principalmente, ao desvencilhamento histórico dessas cidades em relação ao grandes centros políticos e econômicos da região, Duque de Caxias e Nova Iguaçu. Abordagens semelhantes encontramos em relação a Guapimirim e a Magé, como também evidenciam TORRES (2004) e PRADO (2000). Tal distância política, econômica e social também é refletida na vida

cultural da região, uma vez que durante a pesquisa poucos foram os fluxos de eventos, contatos, e, principalmente público dos municípios de Guapimirim, Itaguaí, Magé, Paracambi e Seropédica com o recorte observado (Nova Iguaçu e adjacências).

Através de alguns shows conheci o coletivo Pacobaíba em Magé, ligado principalmente a literatura, artes plásticas e músicas, e após os shows que realizei, pude conversar com os artistas locais presentes sobre a necessidade de se pensar uma Baixada mais ampla que Nova Iguaçu, Duque de Caxias e adjacências. Um dos problemas cruciais na problemática interação cultural intermunicipal da região é a questão da distância geográfica e a escassez de opções de transporte que liguem os municípios.

Por fim, nos aproximamos do conceito de *Baixada Geopolítica* de SIMÕES por consideramos ser o que mais se aproxima do cotidiano cultural da região

Portanto, a medida em que não existe um conceito e uma delimitação única para Baixada Fluminense, assumimos a responsabilidade de considerar neste trabalho, a partir de um conceito geopolítico, a Baixada Fluminense como sendo a parcela da Região Metropolitana que engloba os municípios e distritos que fizeram parte dos antigos municípios de Iguaçu e sua vizinha Estrela., ou seja, os atuais municípios de Nova Iguaçu, Japeri, Queimados, Belford Roxo, Mesquita, Nilópolis, São João de Meriti, Duque de Caxias e Magé” (SIMÕES, 2006. p.92)

A delimitação de “*Baixada Geopolítica*” apresenta como principal característica considerar os municípios de Duque de Caxias e Nova Iguaçu como principais pólos referenciais da região, notoriamente nos aspectos políticos, quanto econômico, tendo como consequência a denominação dos municípios vizinhos – em sua maior parte, emancipados dos dois territórios mencionados – como “*ciudades satélites*”²²que em consideráveis medidas, possuem relações de dependência em relação as urbes citadas, principalmente no usufruto de prestação de serviços. Nesse sentido, é possível encontrar semelhanças nos aspectos culturais da região em relação a “*Baixada Geopolítica*”: os centros das cidades aglutinam relativa parte dos eventos observados, funcionando estrategicamente como ponto de conexão entre os municípios, uma vez que a distância geográfica em questão é reduzida pela oferta de ônibus, vans e moto táxis entre algumas cidades, notoriamente, Nova Iguaçu, Mesquita, Nilópolis e em menor medida, Belford Roxo e São João de Meriti.

²² Metáfora utilizada por SIMÕES para elucidar a influência de Duque de Caxias e Nova Iguaçu, considerados pólos, em relação aos municípios vizinhos, considerados satellites por relações econômicas, políticas e históricas.

O centro de Duque de Caxias apresenta algumas peculiaridades: apesar de ser a oitava economia do Brasil²³, a vida cultural da cidade é uma bandeira na reivindicação da classe artística independente local, além das questões políticas, há ainda uma distância espacial em relação aos outros municípios, o que limita, por questões de horário e transporte, o fluxo de público e consumo em determinados eventos, como, por exemplo, as atividades do Mate com Angu, um dos cineclubes mais antigos inseridos na interação de rede analisada. Durante as sessões em que estive presente, tanto observando, quanto tocando, era notório a preocupação com o horário do último ônibus (no caso, o 137 da empresa Master, que faz o trajeto Nova Iguaçu x Duque de Caxias, perpassando por cidades como São João de Meriti e Mesquita), influenciando significativamente na demanda de público de outros municípios nas sessões.

Nesse sentido a pesquisa em questão diálogo com o conceito de “*Baixada Geopolítica*” de SIMÕES embora não integralmente; uma vez que no aspecto cultural o campo apresenta uma série de outras variantes, as quais nos permite formular o que entendemos aqui como “*Baixada Cultural*”: categoria formulada a fim de elucidar um *espaço não delimitado por fronteiras nítidas, consensuais e estáticas*.

Baixada Cultural enquanto categoria teórica utilizada na pesquisa, compreende um raio permeável de ações culturais, desde cineclubes em calçadas, bares; shows em praças, casas noturnas, além dos esforços de agentes em torno de planejamentos e fóruns de discussões sobre políticas públicas para a área da cultura. Portanto, a denominação de *Baixada Cultural* empregada aqui engloba a maior parte dos municípios que SIMÕES utiliza em sua conceituação de *Baixada Geopolítica*, com exceção em relação aos municípios de Magé e Japeri, que durante a pesquisa não apresentaram laços regulares (tanto de produção, quanto de público) em relação ao recorte observado.

Importante salientar que termo *Baixada Cultural* não visa mapear a totalidade de práticas culturais existentes no recorte mencionado, pretensão está que seria impossível de colocar em prática devido as insuficiências de recursos e tempo; mas, também, principalmente pelas dinâmicas quase sempre instáveis; uma vez que o campo, seus agentes e coletivos são mutáveis; apresentando regularidade que são negociadas em diferentes etapas em condições adversas: desde a dificuldade para conseguir autorização do poder público até mesmo aos conflitos ideológicos entre diferentes correntes que embora identificados enquanto agentes, discordam, brigam e deixam de frequentar o evento semelhante dos seus desafetos.

2 – O CALENDÁRIO CULTURAL: AS AÇÕES E ARTICULAÇÕES EM REDE A PARTIR DO CINECLUBE BURACO DO GETÚLIO E DO SELO PIRÃO DISCOS

Por calendário cultural entendemos aqui um fluxo de eventos que dialogam entre si, em diferentes proporções variando de coletivo para coletivo. Entre as principais ações que se apropriam da ideia de rede podemos citar, no audiovisual, os cineclubes: *Mate com Angra* em Duque de Caxias, *Buraco do Getúlio* em Nova Iguaçu, *Cinema de Guerrilha* em São João de Meriti. No âmbito da música as atividades da *Pirão Discos*, coletivo e selo independente com membros de Nova Iguaçu, São João de Meriti e Belford Roxo, o *Musicação na Pista*, evento de hip hop no Centro de Nova Iguaçu, *a Floresta do Sono* evento independente no domicílio do músico Marcos Gayoso em Nova Iguaçu, o *Égregora* em Duque de Caxias.

A esfera da literatura apresentou-se como o mais movimentado durante a pesquisa. A cada mês um novo evento ligado a atividade literária surgiu contribuindo para que uma série de escritores profissionais e amadores escoassem suas respectivas produções. Sobre os principais eventos literários podemos citar: Encontro de Poetas e Afins, Sarau V, Sarau Poetas Compulsivos, Espelunka da Vila, Sarau Fulanas de Tal, todos em Nova Iguaçu; Sarau Donana em Belford Roxo, Caldo de Cultura em Mesquita e o Sarau Rua em Nilópolis. Todos os eventos citados apresentaram durante o tempo de pesquisa (de janeiro de 2014 a fevereiro de 2015) regularidade em suas atividades.

O calendário cultural não é categoria utilizada pela pesquisa para interpretar a regularidade de alguns elementos que aparecem na observação: a repetição de datas fixas para cada evento, e o respeito e reconhecimento do dia do mês como pertencente a um determinado coletivo. Por exemplo, as sessões do cineclube Buraco do Getúlio ocorrem sempre ao segundo sábado de cada mês. Há por parte dos outros grupos, não apenas de cineclubes, mas de outras naturezas, como música e literatura, ciência de que realizar qualquer atividade desconfigura o fortalecimento dos esforços por uma rede sólida. Dessa forma, além de não realizar eventos na mesma data, os outros agentes envolvidos com cultura também frequentam os dias do evento do outro coletivo, configurando teias de envolvimento e participação, não só no consumo, mas em alguns também contribuindo na produção, como a

relação entre Buraco do Getúlio, Sarau V e a Pirão Discos. A exemplo do Buraco, outros coletivos também apresentam suas datas específicas, legitimadas pelos demais: cineclubes Mate com Angu atua toda última quarta do mês; o cineclubes Cinema de Guerrilha na última segunda do mês; Sarau V na terceira sexta do mês, Encontro de Poetas e Afins toda última quinta do mês, Sarau Donana todo último sábado do mês, Sarau Rua toda última sexta do mês entre outros eventos.

No entanto, a pesquisa – ciente das extensas ramificações culturais entranhadas na idéia de produção cultural independente na Baixada – optou por recortar a análise do raio de atuação dos três coletivos mencionados no início do capítulo devido às suas movimentações, produções e a recepção por parte do público que os consome, sendo possível encontrar relações e representações de outras Baixadas através de suas realizações, contrapondo o imaginário e esteriótipos de violência e pobreza.

No presente capítulo analisaremos as atividades de dois coletivos que se articulam a partir da concepção de rede: O Buraco do Getúlio e a Pirão Discos, cada grupo em questão interage, contempla e participa da produção do outro. Não representam a totalidade dos agentes e coletivos que compõem a malha cultural da região, nem mesmo do recorte de rede observado, sendo importante ressaltar, a existência simultânea de inúmeras outras ações culturais no período trabalhado. Entretanto, as manifestações citadas são perceptíveis a medida que são reconhecidas por seus pares como fundamentais e representativas na configuração cultural da Baixada Fluminense.

2.1 O Buraco do Getúlio

Os cineclubes *Buraco do Getúlio*, *Mate com Angu* e mais recentemente o *Cinema de Guerrilha da Baixada* desempenham papéis significativos no recorte entendido pela pesquisa como *Baixada Cultural*, por articularem funções além dos limites do audiovisual, visto ser comum em cada sessão nos depararmos com diferentes linguagens artísticas através de outras intervenções, desde o teatro, malabares, desabafos político ou microfone aberto. Tais cineclubes em questão são compreendidos por outros agentes locais como fundamentais dentro da produção independente local. Tais articulações audiovisuais são peças fundamentais na veiculação de outros imaginários e discursos a respeito da

Baixada Fluminense, principalmente através das imagens geradas e veiculadas pós-eventos nas redes sociais virtuais. Esse é um ponto interessante no Buraco do Getúlio: o funcionamento das ações do grupo se dá a partir dos pontos virtuais: as chamadas, a divulgação e a veiculação posterior do ocorrido, principalmente através dos chamados “*álbuns*”; recurso do facebook que permite a aglutinação de fotos enviadas para página. No caso do Buraco, há uma nítida interação entre o público: tanto participando das sessões por meio socializações, conversas ou assistindo as apresentações, quanto no pós-evento: através de comentários, sugestões, curtidas entre outras formas de interação direta com o coletivo.

O Buraco do Getúlio é um cineclube que existe há quase nove anos. Funciona mensalmente desde a sua fundação em 2006. Surge da iniciativa de dois amigos, abordados aqui com nomes fictícios, Fabiano Mixo e Diego Bion, na casa dos 20 anos, na cidade de Nova Iguaçu, sendo também figura marcante e atuante, desde o início, a presença de Luana Pinheiro. Com o passar dos primeiros anos, o corpo realizador sofre alterações; Fabiano - um dos cabeças da primeira fase do cineclube - ganha uma bolsa para estudar cinema na Alemanha e Drica Carneiro, outra integrante da formação inicial do cineclube, diminui sua presença nas atividades do cineclube devido ao seu ingresso no curso de Estudos de Mídias na UFF, em Niterói. O resultado é a concentração das atividades do Buraco nas figuras de Luana e Diego.

Oriundos de famílias de baixa renda de bairros pobres dentro da cidade de Nova Iguaçu, seus respectivos interesses pelo mundo do audiovisual tem relação direta com processos de formação experienciados fora da região como as escolas Adolph Bloch²⁴, no Rio de Janeiro, embora no caso de Luana, o contato tenha vindo com as aulas de teatro no ensino medio em Nova Iguaçu. Tais experiências contribuiram para outros olhares em relação ao seu próprio território,

Cara, de antes [da criação do Buraco do Getúlio] eu não conhecia ninguém. Eu não sabia da existência de artistas na Baixada Fluminense, não era uma coisa que chegava pra mim, assim. Isso veio chegar depois, quando vim e senti o desejo de “não, po. Eu tenho que voltar pra Nova Iguaçu, quero saber quem ta lá, o que que tá fazendo e tudo mais.” (Diego Bion, idealizador do Cineclube Buraco do Getúlio)

²⁴ Adolph Bloch é um escola técnica do Estado do Rio de Janeiro. Entre vários cursos, oferece o de “Técnico em Produção de Áudio e Vídeo”.

A fala nos remete a um problema comum no tocante a trajetória histórica da Baixada Fluminense: o problema da memória e de suas disputas (ENNE, 2002), comentado inicialmente no capítulo I do presente trabalho. No caso das temáticas culturais, há um fenômeno aparente quando pensamos a circulação cultural, os fluxos produtivos e os agentes idealizadores: a cada geração (90/2000/2010) que começa a produzir dentro dos seus círculos e espaços, é caracterizado por um primeiro momento de desconhecimento com a produção de gerações anteriores (LEITE, 2006). Um dos motivos pode ser compreendido pela escassez de fontes e acervos sobre os aspectos culturais da região, sendo marcante a acumulação de evidências passadas em posses de poucos artistas, que com o passar dos anos armazenaram fotografias, textos, publicações e afins em seus acervos privados.

A distância entre as produções passadas e as contemporâneas têm sido amenizada a partir anos 2000, facilitados por plataformas e uma maior interação intergeracional. Nesse sentido, durante o campo, foi possível perceber discursos e intenções que memória cultural de diferentes gerações se conectam a partir do momento em que militantes de tempos passados se misturam aos novos fluxos juvenis, contribuindo, para uma memória difusa, sem aspectos institucionalizados.

É, mais ao mesmo tempo quando a gente fundou o buraco, é... cara, não existia essa cena: isso que a gente vive, o encontro que a gente promoveu sábado (o início do Recult) que foi super bacana, sábado lá na casa do Átila e tudo, que foi um encontro que a gente promoveu porque... essas pessoas tavam querendo se encontrar e falar, conversar. Essa rede... sei lá: as bandas, o Roque Pense, os sarais... isso... não tinha, não tinha. E se tinha era uma coisa muito cada um por si e Deus por todos, então acho que... não sei... o Buraco foi vindo junto, com uma onda e com uma galera... (Luana Pinheiro, Produtora do Cineclube Buraco do Getúlio)

Há uma convergência entre os fluxos produtivos de décadas anteriores e as novas realizações. Os encontros são possíveis se pensarmos a vivência cultural na Baixada como uma metáfora de “efeito funil”: os interessados no consumo de cultura independente na região se encontram, em algum momento, em pontos chaves da escoação autoral, principalmente pela escassez de aparelhos culturais, relegando aos bares, praças e afins, elementos fundamentais na constituição do cenário artístico em questão.

A partir da dinâmica mensal de funcionamento do Buraco podemos entender uma série de outras produções, principalmente porque o Buraco é um dos principais fomentadores dos discursos e representações de outro imaginário sobre a Baixada Fluminense, como na imagem a baixo:



Figura 1.0. Flyer de divulgação do Cineclube Buraco do Getúlio por Elaine Rodrigues

Na imagem acima, de autoria da design Elaine Rodrigues, a Baixada é representada suavizada, os morros quase sempre associados ao estigma da violência da capital, aparecem distantes do imaginário estigmatizado do Centro e Zona Sul do Rio, assim como as torres de eletricidade da empresa Light, conhecida como *Via Light* – que corta relativa parte dos municípios da Baixada, desde a Pavuna (subúrbio), São João de Meriti, Nilópolis, Mesquita e Nova Iguaçu – é pintada como elementos re-significados ao espaço urbano da cidade: os elementos comuns ao cotidiano da população, pouco valorizado enquanto elemento estético, é apropriado pelos circuito cultural e reinterpretado a partir de um prisma de valorização dos elementos existentes.

As representações da Baixada e de seus elementos naturais, urbanos e espaciais, aparecem em considerável parte das sessões observadas, através da *curadoria temática*, característica importante na estrutura dos cineclubes, e, que posteriormente influenciará outros eventos, principalmente os saraus produzidos por jovens agentes, como o Sarau V e o Sarau Rua.

Das onze sessões do cineclube em 2014 foi possível estar presente através da pesquisa em dez sessões, sendo três delas me apresentando com diferentes artistas: no lançamento do cd do músico Marcelo Peregrino, com o Baile da Pirão e por último tocando contrabaixo com o grupo de forró Tilingo di Pingo.

Sobre as sessões

Janeiro	Sessão Carta Branca (presente)
Fevereiro	Sessão Marcão Baixada (presente)
Março	Não houve sessão
Abril	Sessão Mostra do Filme Livre (presente)
Maião	Sessão Cinematógrafo (presente)
Junho	Sessão Não Vai Ter Copa
Julho	Sessão Catártica (presente)
Agosto	Sessão Visões Periféricas (presente)
Setembro	Sessão Cinema de Guerrilha (presente)
Outubro	Sessão Buraco Animado (presente)
Novembro	Sessão Buraco Negro (presente)
Dezembro	Made In Baixada (presente)

Sobre as sessões mencionadas podemos enumerar e analisar algumas características de cada edição, levando em consideração a relação com a ideia de rede externalizada em falas, postagens e ação pelo coletivo. A primeira sessão do ano de 2014 é a primeira na história do Cineclube fora da cidade de Nova Iguaçu: realizada no Cinema Odeon, na Cinelândia, Centro do Rio de Janeiro, representa um reconhecimento e legitimidade da capital em relação a produção local²⁵. A curadoria da sessão nitidamente tinha como objetivo mostrar à capital o que vem sendo produzido em diferentes esferas na Baixada Fluminense. Nesse sentido, a programação foi pensada no intuito de privilegiar a produção de agentes que dialogam com as sessões do cineclube, se intitulam enquanto rede e produzem a partir da região. Filmes como “Praça do Skate” do diretor iguaçuano Paulo China, que tem como temática a primeira pista de skate da América Latina, situado no Centro de Nova Iguaçu; “O dia em que a terra parou” do também iguaçuano Getúlio Ribeiro, um filme de humor numa sátira sobre as igrejas protestantes. Além de clipes de artistas consagrados na vida cultural da região, que trazem uma imagem da Baixada enquanto elemento estético positivo através de suas canções e imagens: “Clipe Eu Vou Morar Aqui”, de Slow da BF, com temática abordando as cidades da Baixada e os porquês de morar na região e não querer sair. E o lançamento do clipe “Pulo no Futuro”, de Marcelo Peregrino em parceria com a Pirão Discos e com o Cineclube Buraco do

²⁵ Em 2013, o Cineclube Mate com Angu também realizou uma sessão especial no Cinema Odeon.

Getúlio e a Porque Não Filmes. Nesse último percebemos um dos principais elos de produtividade durante o ano de 2014: a relação entre Buraco do Getúlio e o coletivo sonoro Pirão Discos, que vão produzir mutuamente uma série de dinâmicas em conjunto, como trilhas sonoras, parcerias em plataformas de arrecadação, videoclipes e shows.

É possível identificar a dinâmica de interação por rede através das citações acima: o surgimento da Pirão Discos (2013), coletivo sonoro formado por músicos de diferentes cidades da Baixada, surge a partir das relações de sociabilidade nas sessões do Buraco do Getúlio: bandas que se conheceram tocando no espaço, passaram depois de um tempo, amadurecendo a ideia de criar um selo que fosse possível, com poucos recursos, gravar, tocar e disponibilizar seus recursos. O cineclube não significa apenas o ponto de partida do selo, mas durante o campo observado, também representou o principal palco dos cds lançados (*Ao Vivo no Valverde, Galove I e Ameno Ácido*), todos foram lançados primeiramente no palco do cineclube. Por outro lado, os músicos do selo participaram ativamente na composição de trilhas (tanto de filmes, quanto espetáculos) de membros do Buraco, ou, ligados indiretamente ao mesmo, como o caso do Getúlio Ribeiro, cineasta, branco, 25 anos, estudou cinema na Escola Livre de Cinema, Nova Iguaçu, onde inicialmente foi aluno de Bion e Luana, e, posteriormente passou a produzir com seus antigos professores.

Os esforços do Buraco em proporcionar diálogos com outras esferas, aglutinando diferentes gerações de artistas e público também foi perceptível em outras sessões, como na edição de fevereiro e de agosto. Embora possua uma estética indie²⁶, a curadoria busca viabilizar articulações com segmentos artísticos variados, desde o rock pesado ao universo do choro da região. Na edição de fevereiro o cineclube abriu espaço para parte da atual produção do movimento hip hop da Baixada, uma sessão dedicada ao movimento Enraizados, divulgando, no momento, o mais recente trabalho do jovem Marcão Baixada, 19 anos, negro, morador de São João de Meriti. Algo semelhante podemos encontrar na sessão de Setembro, com curadoria dedicada exclusivamente ao Cinema de Guerrilha da Baixada (São João de Meriti), outro cineclube importante na produção autoral da região. O CGB, como é conhecido o cineclube de São João, apresenta uma característica distinta do Buraco: é o coletivo audiovisual que mais apresenta produção cinematográfica própria. Ou seja, além de exibidores de filmes de diferentes natureza, a equipe do Cinema de Guerrilha produz

²⁶ O termo *indie*, do inglês é a abreviação (no diminutivo) de *independent* (em português, independente) e se aplica, na indústria cultural, de artes e apresentações ao vivo, para os músicos, produtores e artistas que ainda não tem contratos de publicação e distribuição com grandes empresas (*'majors'*) e lançam os seus projetos independentemente.

constantemente curtas, documentários e longas, tendo quase sempre a região e sua realidade como temática.

Outro elemento configurando articulação em rede pode ser compreendido na idealização por trás da sessão “Catártica”²⁸, realizada no dia 12 de julho, celebrando além do aniversário do cineclube, o início das atividades financiadas com recursos da campanha “Buraco no Catarse”: o cineclube iniciou uma campanha de crowdfounding²⁹ para arrecadar fundos financeiros a fim de custear os gastos com os próximos seis meses de sessão de 2014, incluindo melhoria na estrutura do bar Ananias, onde funciona. O dinheiro arrecadado custearia o equipamento de som (alugado), iluminação (feito em parte por Jon Thomaz, 25 anos, negro, morador de São João e músico da Pirão Discos), além custos com o transporte das intervenções artísticas. Esse é um ponto chave no funcionamento do Buraco: de caráter exibidor (ao contrário do CGB e também do Mate com Angu), o cineclube iguaçuano exhibe mais do que produz filmes. Não há uma hierarquia das esferas artísticas na sessão: embora a função de um cineclube seja exibir filmes, não há necessariamente uma correspondência do público ao que se espera de uma exibição convencional: pessoas assistindo sentados, em silêncio e um plano de fundo escuro que possibilite focar apenas no filme são elementos que não ocorrem na sessão do Buraco. Ao contrário, o que há é um bar quase sempre lotado durante as exibições por pessoas que transitam de um pedaço a outro do local, interagindo, trocando de mesas e conversando durante a maior parte da exibição. Curiosamente, são poucos os que sentam para assistir do início ao fim aos filmes.

Os filmes movem as atividades do Buraco do Getúlio, sem eles não faria sentido ser denominado de cineclube, mas os organizadores têm consciência de que as intervenções pós-filmes, principalmente as apresentações de bandas, são peças chaves no sucesso das sessões. É geralmente o momento ápice da sessão, quando o público levanta das mesas e interage com o show ao vivo.

É nesse sentido, também, que o Buraco busca articular a apresentação de artistas locais, fortalecendo a ideia de cena por meio da possibilidade de trocas: ao mesmo tempo que o artista, seja da literatura, música ou teatro tem ciência de que encontrará no palco do Buraco um dos espaços mais movimentados e reconhecidos na cena independente da Baixada e do Rio, aumento a visibilidade do seu trabalho, e, em troca, o cineclube mantém a

²⁸ A Sessão catártica foi a comemoração do aniversário do Buraco do Getúlio, em julho, financiado com os recursos da campanha “Buraco no Catarse”.

²⁹ Ferramenta de arrecadação virtual de dinheiro para campanhas com fins específicos: financiar shows de artistas, discos, peças teatrais ou qualquer outro tipo de manifestação artística.

construção de um público em constante ebulição, atento as atrações e movimentações do cineclube através da página virtual do coletivo.

A Pirão Discos

A Pirão Discos é um coletivo musical formado ao longo do ano de 2013 pela junção de diferentes músicos da Baixada Fluminense, que se conheceram em shows e apresentações no Rio, e, principalmente nos bares e eventos da Baixada Fluminense. Graças a afinidade estabelecida ao longo da relação, os músicos montaram um selo musical com o objetivo de ajudarem mutuamente o processo de gravação um do outro.

“Pirão? O que é? Farinha? Cabeças de Peixe? Cebola à gosto? Pirão é o que acompanha, em nosso caso; traduz um sentido de ‘companhia’ no amplo sentido da palavra; sendo assim, quem é nossa trupe com quem produzimos ideias e canções nessa pequena empresa cheia de afeto e verdade (MARCELO PEREGRINO, músico e um dos fundadores da Pirão Discos)³⁰

Enquanto guitarrista acompanhei o início da formulação do selo, uma vez que no período de 2012 a 2014 integrei como músico a banda Gente Estranha no Jardim, de São João de Meriti, grupo responsável por me abrir caminhos profissionais e sociais no âmbito da vida cultural da região. A banda, a partir da iniciativa do multinstrumentista Maurício Galo (MC Galove) foi uma das cabeças do movimento em questão, junto com Marcelo Peregrino, 43 anos, branco, residente de Nova Iguaçu e Iuri Andrade, 27 anos, pardo, residente de Duque de Caxias.

A possibilidade de compreender os mecanismos de produção e escoação da Pirão Discos está diretamente relacionada com rumos e diretrizes na relação entre produção e mercado a partir dos anos 2000, permitindo que artistas se distanciem das amarras convencionais da indústria do entretenimento, dominando praticamente todas as etapas do processo de produção de sua arte, resultando, assim, em autonomia frente ao processo e estética de direcionamento do produto.

No tocante a produção da Baixada, é possível perceber um movimento em que artistas assumem seu *local de fala* como *elo constituinte* em seus nomes artísticos, músicas, filmes e etc., como o caso dos rappers *Marcão Baixada*, *Slow da BF* ou *Dudu de Morro Agudo*. No

³⁰ PEREGRINO. M. “Pirão Discos: o que é?”. Acessado em março <http://piraodiscos.blogspot.com.br/>

cinema temos a produção de filmes que, senão trazem a região como destaque, no mínimo, nos revelam cenários, panos de fundo e imagens impensáveis ainda nas produções de grande orçamento, como o filme “*Queimada*” (2010) do cineasta Igor Barradas, um dos fundadores do Cineclube Mate com Angu. O filme nos revela um outro olhar sobre um aparentemente comum bairro de Duque de Caxias, o Jardim Primavera, mas que através do olhar afetivo de Igor, nos revela um espaço idílico, repleto de poesia, também idealizado por outros Caxienses envolvidos no mundo da cultural, como Heraldo HB (2013)

O Jardim primavera é um bairro muito especial na cidade de Caxias, e eu não saberia dizer ao certo por que motivo exato; provavelmente uma soma de alguns. Historicamente é um local povoado com um mínimo de planejamento, coisa rara na cidade; uma presença forte de moradores que fizeram melhorias e atividades sociais de forma comunitária nos anos 1940 e 1950; uma rica Mata Atlântica original e uma vocação para arte e cultura que chega a comover, juntando gerações e criando elos pessoais com o local que perduram durante a vida toda (HB, 2013,p.30)

Na pesquisa também foi possível enxergar, principalmente nas discussões informais de bares, festas e cineclubes, a utilização de termos como “*re-significação*”, “*empoderamento*”, “*simbólico*” e “*imaginário*”, termos apropriados por diferentes artistas observados (tanto em suas práticas nas ruas e bares, quanto em suas páginas virtuais).

Há envolvidos outros elementos na produção musical e a questão da apropriação da Baixada enquanto elemento estético. Principalmente quando levamos em consideração as questões envoltas em ser da periferia, que deixa de ser um signo de estigma perpetuado ao longo de décadas e passa a ser re-significado enquanto elo positivo, de auto-estima, pertencimento e identidade; tanto na literatura, na música e no audiovisual da região. Num contexto mais amplo, temos em jogo o início da administração Gilberto Gil frente ao Ministério de Cultura, o Minc, possibilitando novas tramas no tocante às políticas públicas para o setor, tendo um enorme impacto nas áreas tradicionalmente afastadas dos grandes centros de consumo e produção cultural. Discussões que ainda hoje são lembrados como momentos importantes na atual discussão sobre produção cultural. Nesse sentido, podemos destacar a Conferência Nacional de Cultura; o Plano Nacional de Cultura; o Sistema Nacional de Cultura, marcos significativos nos rumos da cultura no país, uma vez que “*eles exigem conferências, planos e sistemas estaduais e municipais. Eles implicam na constituição de conselhos, colegiados, fundos e outros dispositivos [...] Um dos requisitos essenciais para a*

vitalidade da institucionalização e da organização é a formação qualificada dos agentes culturais” (RUBIM, 2006)

Nesse sentido, é possível estabelecer nítidas conexões entre as inúmeras ONG’s, Pontos de Cultura, Conselhos entre outras relações de formação interpretativas de cultura nas periferias do Rio. No caso da Baixada, esse movimento não foi diferente, mas independente, em certa medida, da apropriação –por parte de coletivos – em relação aos editais públicos – uma reclamação constante por parte dos agentes locais que reclamam a não inserção dos projetos da Baixada em seleções de editais de cultura – gerando características de produções culturais inseridas em discussões de um contexto geral, mas que são feitas as margens da iniciativa do poder público.

Há um “*desprendimento*” que pode ser compreendido como mais um elemento motivacional constituinte na produção autoral: a de não precisar, na maior parte dos casos, prestar contas ao poder público; por outro lado, gera a possibilidade de não dependerem das amarras do mercado tradicional, podendo assim, cantar, filmar e escrever sobre seu espaço. Criando espaços, encontros e fóruns de discussão em que prevalece a Baixada enquanto possibilidade estética.

Os exemplos da Baixada enquanto substrato para paisagens estéticas aparecem em inúmeros coletivos e artistas que deixam nítido sua posição política enquanto dinamizadores de cultura na região. Embora a experiência da TV Maxambomba nos anos 80 e 90 antecipasse no âmbito das produções audiovisuais produções como documentários, conteúdos educativos e registros de memória sobre a vida social da região (NASCIMENTO, 2008); em termos de produções, os anos 2000 são significativos devido a já mencionada facilidade com o qual os artistas passam a operacionalizar suas trajetórias. É o caso por exemplo do clipe “Baixada” do Mc Slow da BF,

Meu primeiro clip de verdade feito com ‘gente’ de verdade....Minha pequena homenagem a minha terra e meu povo....Muito orgulho deste clip pois foi feito pela equipe maravilhosa do meu amado Cineclub de Matecomangu de caxiascity , mundo!!! Meu diretor foi o Cacau Amaral que é um dos diretores do filme 5 x favela... O beat é do Sandro Machintal e o sampler do músico João só tirado de um vinil do Fábio Acm... como diz uma das minhas camisas i love baixada!!! Com lágrimas nos olhos repasso ai pra quem quiser ver se puder comenta !!! (SLOW DA BF, músico, 40 anos)³¹

³¹O texto está inserido na plataforma Youtube. Acessado em março de 2015 <https://www.youtube.com/watch?v=dfbsm2lZwal>

O clipe é uma reflexão de Slow que aos seus 40 anos faz um balanço de sua carreira. Músico experiente, com agenda lotada semanalmente em eventos de pequeno, médio e grande porte; Slow é um dos artistas que levam a Baixada em suas canções. No clipe, produzido em parceria com o Cineclub de Mate com Angu, há uma nítida preocupação em transmitir a região “*como ela é*”, colocando em evidência seus aspectos positivos, os sorrisos e afetividades: as tradicionais feiras com seus pastéis com caldo de cana; o jeito suburbano de conhecer e chamar pelo nome os vendedores, garçons e motoristas. A primeira cena do clipe é direcionada para a Avenida Presidente Dutra, elemento simbólico nas relações entre Baixada e Rio, corte que nos remete essa dualidade do “*eterno retorno*”, do “*homem invisível*” (canção do músico iguaçuano Roberto Lara que aborda a questão da falta de invisibilidade dos artistas baixadenses): a dependência econômica que por sua vez submete às condições de sobrevivência. Em um kombi (meio de transporte ainda comum em alguns municípios da região), Slow vai passeando sobre os cenários afetivos que o cerca, praticamente todos os municípios do que consideramos na categoria de Baixada Cultural (mencionada no capítulo I): municípios que além de uma trajetória e laços históricos e sociais possuem uma dinâmica co-relacional no tocante às atividades culturais, salvo os devidos empecilhos como transporte e afins.

Eu vou morar aqui/eu vou rimar aqui/Caxias, Magé, São João de Meriti/Nilópolis, Mesquita, Bel e NI/Sem motivos pra chorar e um trilhão pra sorrir [...] Baixada/Terra de bem/Baixada Guerra, aqui sempre tem [...] (SLOW DA BF, trecho da música Baixada)³²

Em diferentes esferas (cinema, música e literatura), mostrar a Baixada a partir de um viés afetivo passa a ser um traço constituinte entre coletivos e agentes. O conjunto de afetividades exaltadas na canção de Slow da BF não é um caso isolado: fontes sonoras, literárias e audiovisuais disponíveis, principalmente a partir do final da primeira metade dos anos 2000 até os dias atuais, nos revelam uma Baixada quase idílica, cantada enquanto local fala, e, principalmente como ponto de partida para protestos em letras de reivindicação social (LEITE, 2006). A Baixada passa ser cantada enquanto local de pertencimento, não apenas pelo movimento Hip Hop, mas por outros segmentos, como a Pirão Discos ou cantores de diferentes épocas que ainda hoje se articulam na cena, como Roberto Lara, aos seus quase 60 anos de idade.

³² SLOW DA BF. Trecho da letra “Baixada”, disponível na plataforma youtube. Acessado em março: <https://www.youtube.com/watch?v=dfbsm2lZwal>

As articulações da Pirão Discos surgem na contramão das oportunidades de mercado convencional, nos rádios e afins, decidiram por “construir” o que denominam como “MPB: Música Popular da Baixada”, alcançam em pouco tempo veículos que, tradicionalmente, pouco retratam e veiculam notícias da região a partir do viés cultural. Um destaque no caderno dominical “Revista” do Jornal O Globo, que entre inúmeras expectativas para o verão de 2014, citava um grupo de jovens músicos da Baixada como uma possível “sensação” a qual valeria a pena “ficar de olho”:

“A NOVA MPB

A Música Popular da Baixada (MPB) está fazendo barulho com seu mix de MPB tradicional e funk. Representada pela gravadora Pirão Discos, tem entre seus expoentes o músico Maurício Galo e a banda Gente Estranha no Jardim. ‘A nova MPB vem da Baixada, mas vai além dela’, diz Maurício Galo”³³

Embora o título de Nova MPB tenha sido utilizado pelos membros da Pirão Discos em uma série de entrevistas e falas em show, a definição exata do que é o coletivo não é ainda clara. O título de selo não faz sentido, uma vez que a função deste deveria ser a de distribuir discos. A denominação de gravadora também não é a mais apropriada, uma vez que não possui sede física (estúdio), nem disponibiliza serviço para gravação comercial.

Enquanto músico participei (tocando guitarra ou baixo) dos processos de idealização, gravação e distribuição dos discos *Ao Vivo no Valverde* (2013), *Galove I* (2013) e *Ameno Ácido* (2014). Os três discos em questão apresentam características semelhantes em relação ao seu processo de feitura: todos os discos são gravados fora dos estúdios convencionais, formato lo-fi tradicional³⁴. Os espaços e gravação variam, mas em comum o fato da gravação ocorrer em *casa*: o segundo disco solo de Maurício Galo, foi gravado, literalmente no quintal da casa de Átila Bezerra, 33 anos, negro, ator e vocalista da banda Gente Estranha no Jardim. Um quintal aberto, sem muros separando uma das casas ao lado. O horário da gravação do disco foi volta de 12:00 à 14:00 de um domingo. Ou seja, além de toda família de Átila estar em casa, as famílias vizinhas também estavam em seus respectivos lares, contribuindo para que o som ambiente fosse (intencionalmente) captado no disco. É possível ouvir o som dos carros na rua, o bebê recém-nascido que entra no colo portão adentro carregado pela mãe que não sabia que ali estava sendo gravado um disco, Dona Elvira (mãe de Átila) perguntando se queríamos almoçar). Os microfones permanecem abertos durante as pausas (para almoçar,

³³O GLOBO. Revista Especial de Verão. 01/12/2013

³⁴Lo-fi é um termo inglês utilizado para denominar música de baixa fidelidade (low fidelity)

beber água e etc). O equipamento de gravação – quase todo emprestado por outros músicos, como Marcelo Peregrino – é o simples: todo disco foi gravado por uma mesa ZOOM R16 de 16 canais e 4 microfones direcionais simples, de valor aquisitivo baixo. A mixagem é feita também em diálogo com outros agentes, que cedem um computador, caixas de referência ou até mesmos instrumentos. Os outros discos citados não foram diferentes: todos gravados em casa, no caso específico, na residência do músico Marcelo Peregrino, em Valverde, bairro de Nova Iguaçu. Tanto o “Ao Vivo no Valverde”, quanto “Ameno Ácido” foram gravados dentro da casa de Marcelo, também sem qualquer estrutura de estúdio profissional. O mesmo equipamento de gravação é compartilhado pelos membros do coletivo.

Para fazer parte da Pirão Discos, até o momento, não é necessário contrato. Como as atividades do grupo não são remuneradas, o coletivo trabalha apenas com os músicos que de alguma forma, estabeleçam semelhanças de ideais e compartilhem da mesma filosofia que os demais: a ajuda-mútua, processo pelo qual cada integrante participa e contribui, voluntariamente, no disco do outro, esperando receber algum tipo de retorno na feitura do seu. As prestações de auxílio variam desde uma iluminação no show, arte gráfica no encarte do CD, dinheiro emprestado ou o próprio músico tocar na banda do músico em questão, suprimindo assim, a necessidade de buscar outros músicos de fora.

A compreensão do que denominam como rede (um conjunto de ações simultâneas de diferentes grupos) aparece no processo de distribuição dos discos, onde os músicos contam direta e indiretamente com a ajuda da divulgação dos contatos estabelecidos dentro do que a pesquisa denominou como *Baixada Cultural*. Depois de realizadas as gravações, mixagens e masterizações, os músicos preparam com verba do próprio bolso, e passam então ao cargo de produtores e gestores de seus próprios trabalhos, uma vez que na Pirão não há hierarquias, cargos ou funções formais pelo que se entende uma empresa. Cada músico é livre pra divulgar seu trabalho de forma autônoma: desde a internet ou pela distribuição nos círculos que frequenta. Até o fim da pesquisa, a distribuição dos discos ocorria dentro dos diversos outros eventos do que entendemos como Baixada Cultural, ou seja no múltiplos eventos independentes da Baixada. Durante os shows eram montadas barraquinhas customizadas (caixas de sapato, guarda-sapatos sob mesinhas de bares), no qual eram organizados discos dos integrantes. As banquinhas da Pirão foram constantes em eventos como o Buraco do Getúlio, Cinema de Guerrilha e eventos no Rio. Nas vezes que o material não era distribuído em banquinhas, era assim feito pessoalmente por cada integrante, que além de carregar o seu costumava carregar também os discos de outros artistas.

A ideia do calendário facilita com que artistas circulem com seus trabalhos em diferentes eventos sem problemas para veicularem suas produções, configurando uma cena conectada pela interação de agentes que frequentam uns os eventos do outro. Outro elemento que configura a ideia de rede da *Baixada Cultural* através do *calendário cultural*: são os processos de divulgação dos eventos e trabalhos de cada artista por seus semelhantes. Como mencionado anteriormente no início do capítulo, cada artista compreendido dentro da rede, realiza seu evento a partir da ideia do calendário, elemento não oficial, mas presente na constituição dos eventos. Principalmente através da divulgação, processo importante na configuração cultural da Baixada Cultural: cada evento costuma divulgar o evento do outro, seja no momento do microfone aberto dos saraus, cineclubes e shows, ou nas redes sociais, principalmente através do facebook.

3. UMA REDE EM CONSTANTE CONSTRUÇÃO

As redes da Baixada Fluminense. Muita gente sabe o que é, e muita gente ainda não. Pessoas, grupos e coletivos que tem vontade de realizar e realizam. Compartilham o mesmo ambiente hostil e também um ambiente potencial. Hostil por que não tem espaço, não tem política pública, não tem como voltar pra casa tarde, é uma região estigmatizada como perigosa e pobre. Potencial porque tem produção artística e público, artistas e obras com qualidade, e mais além, que interferem nos espaços e nas políticas e gestões públicas. Novas tecnologias a gente fez porque sempre precisou criar alternativas para realizar. Então a troca ideias, métodos, material e força de trabalho. A gente se identifica é no corre do outro. A gente apoia, colabora, empresta um cabo, empurra o carrinho de supermercado que carrega as caixas de som, dá ideia, brinda e cai deitado para comemorar junxs. Mas o maior apoio mesmo é no reconhecimento dos processos que só rolam porque a gente tá pisando nesse chão e dançando a mesma música e se apoiando quando alguma instituição ou interesse contrário vem nos xoxar. O [Festival Roque Pense!](#) taí pra gente dançar junto! (MOREIRA, Giordana. Facebook, acessado dia 15/05/2015)

Giordana produtora do festival Rock Pense e uma das principais articuladoras na vida política cultural da Baixada, coloca algumas questões interessantes nas discussões sobre “rede” através da reflexão acima compartilhada em sua página pessoal no facebook. sobre a constituição de uma *rede cultural* no território a partir das atuações e falas de agentes e produtores culturais. As discussões sobre vivência e construção de possíveis relações culturais em termos de produção, inseridas em possibilidades do que consideramos como Baixada Cultural, surgem no campo a partir de falas específicas em plataformas virtuais (principalmente o facebook) e também em diferentes momentos, em alguns eventos, por meio de conversas dos principais envolvidos na produção dos coletivos.

A fala acima de Giordana Moreira, uma das principais figuras na articulação política dentro da lógica territorial de rede cultural da Baixada Fluminense nos revela um sentimento partilhado para além da página pessoal dela: a partir do momento em que ela “marca” e cita outros coletivos. A postagem na rede social facebook é uma chamada para o início de um dos maiores festivais musicais da Baixada Fluminense, e um dos principais do país no tocante ao papel da mulher enquanto protagonista.

É possível deparar-se com uma série de características da produção cultural independente da Baixada Fluminense, a primeira é em relação a restrição de alcance: “*muita gente sabe o que é, muita gente ainda não*”: tal afirmação é categórica dentro da observação de campo,

principalmente pela lógica do “*calendário cultural*”: as dinâmicas pelas quais coletivos e agentes se inserem no que indentificam como rede, circuito ou cena, *respeitando* as datas quase sagradas de cada evento (como veremos ainda): “*muita gente sabe o que é*” está relacionado ao número de pessoas de sua própria rede profissional ou afetiva, e que de alguma forma também se identificam no discurso em questão. Entre as pessoas “marcadas” podemos identificar pessoas importantes na articulação do fomento da rede, como Diego Bion, Luana Pinheiro (ambos do coletivo audiovisual Buraco do Getúlio), Wesley Brasil, Yasmin Thayná, Heraldo HB, Igor Barradas Márcio Bertoni, Tadeu Lima (os três do Mate Com Angu), César Ray (Desmaio Publiko), Tatch Pereira (Baque da Mata). Todos têm em comum estreitos laços pessoais, sendo comum em alguns momentos do ano, reuniões, encontros e festas da “rede” em casa de algum desses participantes, como churrasco, piscina e afins.

Por rede entendemos aqui as conjunturas compostas por agentes, ou coletivos, conectadas por um ou diferentes tipos de relações, que partilham valores em comuns. Segundo CASTELLS (1996), “a configuração em rede é peculiar ao ser humano, ele se agrupa com seus semelhantes e vai estabelecendo relações de interesses que se desenvolvem e se modificam conforme sua trajetória. Assim o indivíduo vai delineando e expandindo sua rede conforme sua inserção na realidade social.

Nesse sentido, a ideia de rede adotada por diferentes coletivos tem relação direta com os municípios da *Baixada Cultural*, onde nitidamente Nova Iguaçu, Duque de Caxias e seus municípios satélites ocupam papéis de destaque nas discussões sobre a vida cultural do território. Um outro exemplo significativo da rede em questão, são as chamadas reuniões do Recult: o fórum independente de cultura de Nova Iguaçu

O Fórum Independente de Redes de Cultura de Nova Iguaçu surgiu da movimentação de artistas, produtores, pesquisadores e entusiastas da cena para participar das políticas públicas de cultura da cidade. A tradicional e quente rede iguaçuana de cultura criou este espaço de debate e ação para uma cidade pensada através da arte e da cultura. Para participar é só chegar! (descrição do Recult encontrada na página do grupo no facebook. Disponível em <https://www.facebook.com/pages/RECULT-F%C3%B3rum-Independente-de-Redes-de-Cultura-de-Nova-Igua%C3%A7u/701067873301401?fref=ts> Acessado em março de 2015)

Enquanto membro da Pirão Discos, fui convidado para participar das primeiras reuniões do Recult, quando ainda estavam sendo formulada o que viria a ser o direcionamento do grupo em questão. Estive presente nas duas únicas sessões, que eram abertas ao público em geral e tinham como principal objetivo construir pautas necessárias a movimentação do cenário cultural da cidade

de Nova Iguaçu após a gestão do atual prefeito. Além das discussões e pautas, os envolvidos (cerca de 15 a 20 pessoas por sessão), discutiam a legislação municipal iguaçuana, além de pressionar constante (tanto no mundo virtual, quanto também conseguia mobilizar gerações mais antigas, como Alfredo Lara (músico e compositor) além de interessados ligados a vida política da cidade, como o vereador Antônio Ferraz.

Há uma confluência de agentes que são legitimados enquanto atuantes, mesmo por aqueles que não interagem com esses, insinuando, em alguns casos, a vida cultural da Baixada como “*panelinha*”. A ideia de rede é partilhada por um conjunto de atores e coletivos que identificam em suas práticas e de seus semelhantes como relevantes ao ponto de uma configuração de rede por laços afetivos e produtivos:

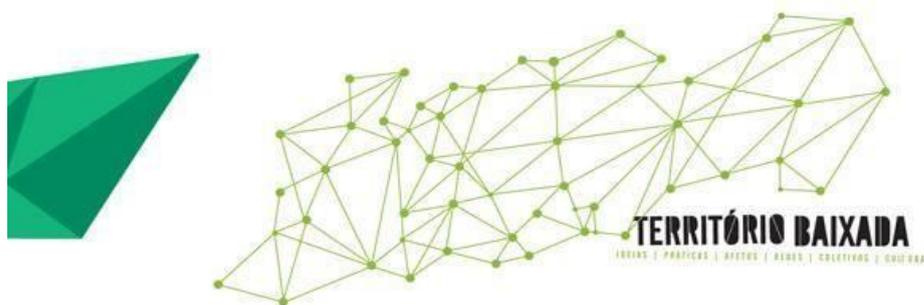
Um bar que a gente coloca lá os equipamentos, coloca uma luz, fica uma outra cara, mas também é muito por causa do número de pessoas que estão ali e que de alguma maneira vão se sentir a vontade, afetadas pelo aquele som, pela aquela... aquela possibilidade de ter uma banda tocando e fazendo um show ali e tudo mais. Então a galera vem não sabendo qual é, mas no final assim, pô, cara, brigado por cê te chamado a gente, sabe? Pra gente poder tocar aqui, a gente quer voltar outras vezes e tudo mais. Então as pessoas também vem com uma imagem da Baixada, desse lugar de ausência, de que falta de que é capenga e tudo mais, e de fato é em muitos aspectos, mas isso não é tão evidente, muito po conta *dessa rede que se vai construindo com atores sociais, com outros coletivos, com outros artistas e tudo mais, então, assim, quantas sessões* a gente não usou a bateria do Erick, que é um cara que é brother nosso, que a bateria dele ficava aqui perto, a gente ia lá, pegava e botava na sessão? O cara nem vinha na sessão. Se der mole ele nem sabia que a bateria dele tava sendo usada, sabe qual é? Mas po, tasussa, a galera do Buraco vai lá usa, depois devolve. Mesma coisa microfone, enfim, é tudo assim [...] Até hoje o que o Buraco tem é um projeto e um dvd player, é isso. *Mas o que a gente tem de principal é que a gente conseguiu ao longo desses 7anos, construir essa rede, e fortalecer a cena, eu acho que é por isso todo mundo é amarradão em contribuir de alguma maneira com essa atividade, porque eu acho que a galera percebe, que é uma atividade que ta ai também pra cena, né?* Querendo que a galera se chegue mais, se apresente, conheça outras pessoas, o Buraco tá... o cara que é poeta de Nova Iguaçu, a menina que faz o sarau ali na esquina, o cara da banda também é de Nova Iguaçu, ou é aqui da Baixada... você vai começando a perceber como tem gente aqui fazendo coisas interessantes, então, de alguma maneira, o Buraco... *ele é viabiliza* uma espécie de vitrine... não de vitrine de projeção e tudo mais, mas a vitrine de tu ver que aquele cara que é teu vizinho ali tem uma banda que manda bem e que faz uma parada legal, diferente e tudo mais, enfim. Mas essa troca, ai o cara da poesia conhece o cara que fez o filme, ou o cara da banda e ai a galera se conhece, se curte, curte o trabalho do outro (BION, Diego. Entrevista pra Rede Escuta Baixada, 2013, disponível em disponível <https://www.youtube.com/watch?v=6UTcVL> Acessado em março de 2015)

A fala de Bion não é isolada em relação a concepção ao funcionamento da rede. Tal perspectiva também é comum aos outros idealizadores, produtores e principais lideranças,

sendo comum a outros atores que compartilham de maneira semelhante a concepção de “rede”: principalmente pela lógica da interação social e produtiva entre seus principais conceptores. Portanto a concepção de rede para a maior parte dos coletivos que dialogam entre si perpassa pelo entendimento de que as ações devem ser relações mútuas entre seus idealizadores, identificados e reconhecidos pelo ato de *fazer, a lógica da rede*

O que busca uma adolescente que sai de Austin toda de preto e com cabelo azul, de ônibus, em direção á Praça do Skate, no Centro de Nova Iguaçu? Em décadas de faça você mesmo a Baixada construiu, através de seus habitantes, formas particulares de expressão e produção artística e cultural, metodologias e sentimentos com relação ao fazer cultura alternativa. Aqui essa cultura a qual me refiro é aquela que não nos oferecem na TV, nem na esquina do Riachão. Nem mesmo no centro da Cidade de Nova Iguaçu nem de Duque de Caxias. E, única e exclusivamente por nossa causa, nem mesmo a que passa na MTV ou no Rock In Rio. Atrás de um pouco de vida e liberdade jovens carregam caixas de som nas costas, gelam cervejas e se encontram. Em qualquer lugar que estejam trocam ideias sobre um mundo de possibilidades que só encontram dentro de si mesmos. Até um boteco de 10 m² pode se transformar em um encontro semanal de duas mil pessoas. Um cineclube pode se tornar um ponto de convivências. Uma bateria no chão pode se tornar o primeiro festival feminista da região. Sem os instrumentos e burocracias elas fazem por que precisam fazer tanto quanto o publico precisa consumir e o artista precisa se expressar. Realizar, lutar por isso e escrever a historia é um processo de gestão, ainda democrática por que não depende do gestor, mas do que a turma quer, pois o faça você mesmo só rola quando cada um faz um pouquinho (MOREIRA, Giordana . Entrevista pra Rede Escuta Baixada, 2013, disponível em disponível <https://www.youtube.com/watch?v=6UTcVL>. Acessado em março de 2015)

Outro ponto nas discussões sobre *rede* cultural da Baixada aconteceu em 2014, o “*Território Baixada*”, evento encabeçado pela produtora Terreiro de Ideias (cuja gestão é associada a figura de Dani Francisco e Giordana Moreira) que conseguiu reunir num curto espaço de tempo, viabilizado através da estrutura do SESI Caxias, toda uma reflexão sobre a produção cultural independente da Baixada Fluminense, com representantes dos últimos 30 anos de ativismo cultural (grupos literários com Desmaio Publiko, Imaginário Periférico e TV Maxambomba). O critério da curadoria, a princípio, aparentou levar em consideração aquilo que foi constatado na pesquisa e no campo: a de que a legitimidade enquanto produção cultural independente de uma atividade, coletivo ou agente se dá através do reconhecimento pelos seus pares de atuação, um dos critérios para abarcar a ideia de rede



DE 30 DE ABRIL A 6 DE JUNHO

EXPOSIÇÃO

PERCURSOS DA RESISTÊNCIA: DESMAIO PÚBLIKO, IMAGINÁRIO PERIFÉRICO E TV MAXAMBOMBA

30.04 [QUARTA ÀS 18H]

MAPA-MÚNDI DAQUE: ROTAS QUE INSPIRAM

Desmaio Público
Imaginário Periférico
TV Maxambomba
Mediador: MAURO COSTA (FEBF/UERJ)

== DJ Lobão

08.05 [QUINTA ÀS 18H]

PLANOS CINEMATOGRAFICOS ENTRE OUTRAS TRILHAS

CACAU AMARAL (Cineclub Mate com Angu)
PAULO CHINA
GETULIO RIBEIRO
Mediador: DIEGO BION (Cineclub Buraco do Getúlio)

== Exibição "Donaná", de Cacau Amaral

15.05 [QUINTA ÀS 18H]

MARCAS URBANAS E OS ESPAÇOS DE DIFUSÃO

KAJA MAN (Meeting Of Favela)
MAURILIO SAL (Baque da Mata)
GIORDANA MOREIRA (Roque Pense!)
Mediador: SLOW DA BF

== Apresentação banda Tree

16.05 [SEXTA ÀS 18H]

**O WORK IN PROGRESS DA GUERRILHA:
OS PROCESSOS DE CRIAÇÃO DO TERRITÓRIO**

DECO BATISTA (Projeto Luar de Dança)
CESARIO CANDHI (Cia de Arte Popular)
JORGE BRAGA JR. (Cia Código de Artes Cênicas)
Mediador: MARCO SERRA (Leafro / UFRRJ-NI)

== Apresentação "Sobretudo", de Emerson Noise

22.05 [QUINTA ÀS 18H]

**PRODUÇÃO DE CULTURA NO FRONT:
ZONAS DE POTENCIA, GUERRILHA E ATIVISMO**

DANI FRANCISCO (Terreiro de Ideias)
ALEXANDRE MARQUES (APPH-Clio)
FÁBIO SANTINI - (SESI Cultural)
Mediador: JOÃO GUERREIRO - (IFRJ)

== Espetáculo "Procura-se", de Em Cena SESI

29.05 [QUINTA ÀS 18H]

**POR UMA CARTOGRAFIA CULTURAL DO TERRITÓRIO OU MOVIMENTOS
QUE LIBERTAM: MEMÓRIA, POLÍTICA E REBELDIA**

MARLUCIA SANTOS SOUZA - (Museu Vivo do São Bento)
ANTONIO AUGUSTO BRAZ - (Centro de Referência Patrimonial e Histórica DC)
MARCUS MONTEIRO - (Instituto de Arqueologia Brasileira)
Mediador: TÂNIA AMARO - (Instituto Histórico da Câmara Municipal DC)

== Exibição "Praça do Skate", de Paulo China

05.06 [QUINTA ÀS 18H]

ESCRITA, ANARQUIA E OUTROS GRITOS

JOÃO CARPALHAU (Capa Comics)
TUBARÃO (Compulsores de Partida)
MARLOS DEGANI
Mediador: HERALDO HB

== Repente com Miguel Bezerra

06.06 [SEXTA ÀS 18H]

**OUTRAS LINHAS DE FUGA:
INSTRUÇÕES PARA UMA PRODUÇÃO SONORA INDEPENDENTE**

MARCELO PEREGRINO (Pirão Discos)
SERGIO CARA PRETA (Trem da Harmonia)
DIDA NASCIMENTO (Centro Cultural Donaná)
Mediador: BETO GASPARI

== Apresentação Pirão Discos

Realização:



Concepção e Produção:



Figura 2. Flyer de divulgação do Território Baixada 2014

O logo nos remete uma imagem visual que sugere a compreensão imagética de uma rede: os pontos e conexões ligando todo o território. Enquanto público pude estar presente em quase todos os dias, participando, inclusive, como músico no encerramento do festival acompanhando a Pirão Discos. Foi, certamente, a primeira vez durante minha trajetória enquanto músico, público e pesquisador que presenciei, num encontro, uma maior sistematização da vida cultural da região.

Por parte da curadoria havia um nítido conhecimento de realizações, produções e artistas passados e de suas respectivas idealizações (o que atualmente é problema

comumprincipalmente nas redes sociais: a relação entre memória e novos agentes), como podemos verificar no primeiro dia da abertura, dedicada a movimentos históricos da região: Desmaio Publiko (anos 90), Imaginário Periférico (anos 90) e TV Maxambomba (anos 80 e 90). Assim como os demais dias contemplaram significativamente os outros coletivos que funcionam e interagem dentro de uma lógica de rede, como Cacau Amaral, um dos principais expoentes do cineclubes caxiense Mate com Angu; China, colaborador audiovisual em projetos como Roque Pense, Espaço do Rock entre outros; Getúlio Ribeiro, um jovem cineasta com formação na Escola Livre de Cinema (Nova Iguaçu), cuja direção é de Diego Bion, um dos idealizadores do cineclubes Buraco do Getúlio e responsável no dia pela mediação da mesa. Os outros dias também aparentavam ter como referência a possibilidade de todos os palestrantes já conhecerem o trabalho um do outro, o que contrastava nitidamente com o perfil da platéia, formada majoritariamente por jovens estudantes do ensino e cursos técnicos.

3.1 As diferentes concepções de rede pelos agentes

As concepções de rede também estão distantes de pontos de vistas do entrevistados. O que percebemos durante as conversas formais e informais (principalmente com o público frequentador) é que há uma coerência por parte do público frequentador de que *algo acontece*, mas que ainda falta *união* por parte de diferentes eventos e artistas na configuração de uma possível rede cultural.

[...] Eu vejo muita gente boa, com muito potencial e pouca união, acho que é muita galera com muita idéia e pouca mão na massa, sacô? Eu, porra, tenho mó gás, cara. Eu tenho mór pique pra fazer qualquer coisa que eu me propuser a fazer, eu venho dá... eu comecei a fazer teatro com setes anos, sou formada em produção cultural, então eu vejo um meio das coisas darem certo, mas eu vejo muita gente, pensando as vezes igual, mas de forma separada, ta ligado? Uma coisa que poderia ter mais união, e movimentaria muito mais a Baixada culturalmente.

(CLAUDIENE, E. 22 anos estudante)

O número de frequentadores nascidos na década de 90, e que agora chegam a faixa dos 18 a 20 comececem a frequentar alguns dos eventos já estabelecidos no cenário cultural, não por parte desses jovens uma identificação de “movimento cultural”, nem visualização de *rede* enquanto pressuposto dos agentes (colaboração, integração e ajuda mútua), quando *rede* enquanto categoria analítica empregada aqui como conceito.

Há falas comuns aos frequentadores, que tem como perfil semelhante o interesse em manifestações artísticas como o caso dos entrevistados no campo, Claudiene (estudante, 22 anos), Carlos (25, Professor de História, Poeta) e Antônio (20 anos, estudante), sobre a existência de uma cena a nova geração compreende de outras maneiras o que agentes já estabelecidos consideram como rede:

eu consigo enxergar, mas eu acho muito fraca, como ai pode ser falta de união, não sei te explicar, mas eu vejo muito fraca, um evento desse aqui por exemplo, eu acho que deveria ter, por exemplo, no mínimo umas cem pessoas aqui, cem, cento e cinquenta, saca? Aqui não tem isso. E é um evento cultural forte, eu acho forte. (ANTONIO, entrevistado)

A fala do estudante Antônio C., nos revela uma das características do campo, era a de que os entrevistados quando longe da intimidação da câmera e do microfone, se sentem mais a vontade para falar sem maiores pudores sobre determinados assuntos, principalmente quando discordam do que é revelado e produzido semânticamente como “rede”.

Nesse sentido também é válido ressaltar que a discussão, conceituação e interpretação do que seria a “rede” é um ponto de divergências entre os próprios agentes que circulam por eventos semelhantes e possuem estreitos laços de afetividade. Na fala de Eduardo C, músico e ator de São João de Meriti, sendo frequentador reconhecido por diversos outros segmentos, a ideia de rede aparece como um processo em construção:

Eu acho que 2013 foi um ano bem interessante, assim, até certo ponto. Existe uma cena, entendeu. Acredito que sim, que existe uma cena, existe parceria, entre amigos você percebe que as pessoas querem se ajudar, querem tá junto e produzir um monte de coisa junto, mas eu acho que ainda não existe uma organização pra chamar isso de rede, entendeu? Não existe. Acho que falta é... falta foco. Acho que falta mais presença, não sei, a gente precisa é... é...se for pra falar em rede eu acho que a gente precisa... é... trilhar mesmo um caminho. Pensar junto. Entendeu? Pensar no que desenvolver junto, como é que a gente pode tornar essa rede real, assim... eu acho que existe muito blá, blá, blá. Poderia ter sido um ano melhor, porque assim, tá todo mundo muito empolgado, muito a fim de fazer um monte de coisa, e realmente estavam fazendo bastante coisa... só que não tem a questão objetiva, pra onde a gente pode ir junto, o que a gente pode desenvolver junto. E enquanto não tiver isso não há rede, cara. Não tem como. Mas que existe uma cena muito boa, muito forte tem. Falta equilibrar isso tudo aí. Enquadrar isso tudo num pacote só, aí sim, quando isso acontecer a gente para, e para todo mundo pra prestar a atenção na cultura. (EDUARDO C)

Fator semelhante também aparece na fala do coordenador de um outro importante coletivo, o rapper SEBASTIAO G, que além de enxergar com ceticidade a questão das redes,

problematiza a própria concepção de rede.

Cara, é... eu acho que tem diferença rede e circuito, né? Porque rede eu acho que é a galera se conhecer, conversar, mas cada um produzir sua parada e até pensando no outro e auxiliando o outro quando necessitar. Eu enxergo rede como isso. Porque o Enraizados trabalha rede dessa forma... Circuito... eu já vejo um lance mais estratégico, sabe uma parada, assim, uma parada mais pensada: todo mundo produzir e as pessoas em tempos alternados e todo mundo participar do lance de todo mundo. Acontece um circuito de Sarau aqui na Baixada, então os poetas produzem o Sarau e são poetas, quando eles não tão no deles eles tão no dos outros... é.. em 2013 aconteceu esse lance, né? [...] Só que em 2014, eu acho que não sei se é o... a condição política... assim, a política tá muito mais importante pra alguns grupos, política mesmo, partidária ali, política do município, ou da região do que essa coletividade, saca, assim. Então eu vejo uma galera indo pra política partidária mesmo... que.. uma galera liderança de algumas instituições, que fazem parte da, dos grupos políticos, outros que são oposição ferrenha aos grupos, políticos e tal. E algumas coisas não andam. Não chega a rolar um racha assim, mas, a galera não tá unidona como tava, entendeu? (SEBASTIÃO, G. Músico, 35 anos)

Há ainda discrepâncias no que diz respeito a harmonia dos eventos entendidos como rede. Especificamente o caso da Transfusão Noise Records outro coletivo sonoro da Baixada Fluminense que completou em 2014 dez anos de atividades. Fundada pelo músico meritiense Lê Almeida, 30 anos, negro, atualmente tem sua sede física no centro do Rio de Janeiro. A Transfusão, durante o tempo observado, não apresentou relações ou vínculos na concepção de Baixada *Baixada Cultural* apresentada pela pesquisa

Tenho com alguns, assim, mas eu nunca fui muito... a transfusão na verdade nunca foi muito aceita, sabe? Tipo, hoje em dia, a gente completa 10 anos eu sempre zoo que tipo que são 10 anos de invisibilidade na Baixada, sabe. A gente sempre foi invisível lá pra uma galera. Sempre, sempre. É uma realidade que é um fato, assim. Tipo, isso sempre aconteceu, sabe? A gente nunca teve espaço nos lugares pra lá. Eu já tive espaços enormes em cidades que sei lá... Cruzeiro em São Paulo, Cachoeira Paulista, Sorocaba, um monte de cidade onde a gente teve espaços maiores e pessoas consumindo discos e falando com a gente, coisa que na Baixada não rola. Essa galera cultural é muito mais... muito fechada, muito... cada um no seu grupinho. Na sua panelinha, assim, muito isso demais eu acho. Sempre achei. No centro não é tão diferente assim, mas você consegue entrar em alguns meios com mais facilidades, pelo menos eu consigo. Na Baixada eu acho a galera muito impenetrável. Muito fechada. (ALMEIDA, LÊ. Entrevista concedida ao Rede Escuta Baixada, 2013. Acesado em março d 2015)

A Transfusão Noise Records realiza um movimento contrário em relação aos outros coletivos, principalmente no que diz respeito a apropriação do discurso de Baixada Fluminense. Segundo o idealizador do selo, não por parte do que a pesquisa compreendeu

como Baixada Cultural, algo abrangente, que englobe parte dos artistas que não se sentem representados por eventos conectados entre si. Talvez, nesse sentido, a Transfusão tenha ao longo de sua existência se preocupado em exportar sua produção pra fora do Rio, alcançando ouvintes no exterior. Ao contrário também da produção da Pirão Discos, analisada no capítulo II, na produção sonora da Transfusão não há uma preocupação estética em pertencer a Baixada, pelo contrário, poucas letras abordam a região a apresentam como válvula de escape, como escapismo do local de pertencimento. Outras falas aparecem na observação, principalmente em conversas informais com jovens que ainda não situados sobre os discursos e imagens produzidos pelos principais cabeças da movimentação cultural independente da Baixada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentamos demonstrar que há uma produção cultural independente efervescente que produz arte na Baixada desde de décadas passadas, principalmente a partir dos anos 80, apresentando conexões com as realizações atuais, como a utilização dos espaços informais como principais aglutinadores de artistas e público, principalmente os bares e praças. A ausência de uma estrutura cultural formal possibilita um articulação produtiva própria da região: configurando suas idealizações a parte da falta: a indisponibilidade de recursos materiais, de políticas públicas para o setor cultural e a oferta de bares e praças, proporciona a diferentes gerações a interação através dos espaços informais de cultura.

Os bares passam a funcionar então como entrepostos culturais, numa negociação benéfica tanto para o lado do comerciante, que em determinados dias do mês têm um acréscimo significativo, quando para o produtores, que apesar de não encontrarem nos espaços em questão a estrutura adequada para suas sessões, shows e apresentações de uma forma geral, acabam improvisando outras possibilidades de realizações culturais, sendo essas re-significadas enquanto elemento estético dentro das ações culturais em questão. Bares que ao longo do tempo são afetivamente incorporados enquanto parte do movimento artístico de Nova Iguaçu e adjacências em diferentes em décadas, como a Casa da Pantera⁴², o Daniel's Bar⁴³ e mais recentemente o Ananias, cientes da formulação de outros, como o Bar do Caramujo, o Caminho de Casa e o Estação Floresta⁴⁴.

A partir do recorte analisado e entendido como *Baixada Cultural*, analisamos a possibilidade de compreensão de uma rede de produção ciente do seu papel enquanto fomentadores de novas imagens à respeito da Baixada: definição geograficamente não-consensual, distante de contornos teóricos e definitivos claros.

⁴² Extinto bar cultural da década de 70 em Nova Iguaçu retratado no film "A Casa da Pantera (2010) de Fábio Branco.

⁴³ O Daniel's foi um importante bar na articulação cultural independente nos anos 80 e 90 na cidade de Nova Iguaçu. Ver ONOFRE (2011)

⁴⁴ Todos os três bares abaixo são recentes e importantes nas novas tramas da Baixada.

Além da definição do que entendemos como rede, ou seja, uma categoria analítica utilizada para fins metodológicos e que é capaz de formular e compreender as teias as quais os artísticas se articulam; há outra categoria de rede, utilizada pelos agentes, que não corresponde a definição acadêmica em questão.

Por rede, os agentes observados englobam todo um conjunto de atividades reconhecidos e legitimados por mais de um coletivo, configurando o que tratamos como calendário cultural: a realização das atividades a partir de datas regulares para cada evento, principalmente no caso dos cineclubes e saraus, que funcionam mensalmente. A concepção de rede a partir das falas dos agentes leva em consideração aspectos práticos como participação no evento do outro, contribuição material, como empréstimo de equipamento quando possível, e a divulgação mútua através dos inúmeros canais de comunicação virtual, além do presencial através dos eventos.

Por fim, concluímos que ambas as definições de rede dialogam na medida em que contemplam as possibilidades de compreensão relacional, sendo possível identificar elementos co-relacionais entre diferentes artistas, produtores e públicos. Entretanto, ao mesmo tempo que diferentes segmentos que experimentam a vida cultural da região afirmam existir uma movimentação cultural, há claras divergências (as vezes entres as próprias lideranças) sobre como funciona a rede em questão.

A pesquisa não visa ter um caráter conclusivo, mas reflexivo sobre uma realidade específica e que cresce na medida em que seus atores se apropriam de diferentes ferramentas e passam a produzir seus próprios discursos a respeito de si mesmos, contribuindo para que outras imagens da Baixada Fluminense sejam conhecidas e articuladas por artistas que se identificam e se apropriam da imagem da região a partir de sua realizações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Teodor. HORKHEIMER, Max. *Indústria Cultural*. Editora Paz & Terra. São Paulo. 2007
- ALVES, José Cláudio Souza. *Dos Barões ao Extermínio: Uma história da violência na Baixada Fluminense*. Duque de Caxias: APPH-CLIO, 2003.
- BARRETO, Alessandra Siqueira. *Cartografia Política: as faces e fases da política na Baixada Fluminense*. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.
- BONI, Valdete. QUARESMA, Silvia Jurema. *Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais*. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan./jul. 2005. Disponível em: <http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2011.
- BOURDIEU, Pierre. “Razões práticas: sobre a teoria da ação”. Editora Papirus. Campinas. 1996.
- DAMATTA, Roberto. *O ofício de etnólogo ou como ter anthropological blues*. In: NUNES, Edson de Oliveira. (Org.) *A Aventura Sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 23-35.
- ENNE, Ana Lucia . “Práticas midiáticas e disputas por hegemonia: reflexões a partir de estudos de caso na Baixada Fluminense”. In: COUTINHO, E. (Org.). *Mídia e Hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2008.
- _____. “Práticas de comunicação entre jovens de baixa renda da Baixada Fluminense: uma etnografia de novas formas de resistência e re-existência”. In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL, Buenos Aires, 2009.
- _____. “A favela tá atuando e dispensando os dublês: Rede Enraizados e as múltiplas possibilidades de atuação comunicacional”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34, 2011, Recife.
- _____. “Lugar meu amigo, é minha Baixada: memória, representações sociais e identidades”. Tese de Doutorado em Antropologia pelo PPGAS/Museu Nacional/UFRJ. 2002.
- _____. “Imprensa e Baixada Fluminense: múltiplas representações” in Ciberlegenda, n°14, 2004, Disponível <http://www.uff.br/mestcii/enne1.html>
- _____. ENNE, Ana Lucia. “Em busca de dias melhores: cultura e política como práticas institucionais na Baixada Fluminense”. Revista Rumores. 12º Edição. 2012.
- _____. “A redescoberta da Baixada Fluminense: reflexões sobre as construções narrativas midiáticas e as concepções acerca e um território físico e simbólico.” Revista

Latino Americana de Estudos em Cultura. 2013

HALL, S. "A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo". *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, jul./dez. 1997.

_____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

LARAIA, Roque. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LEITE, André Santos. *Memória Musical da Baixada Fluminense*. Unirio. Rio de Janeiro. Programa de Memória Social e Documento, do Centro Ciências Humanas da UNIRIO. 2006.

MAGNANI, José Carlos Cantor. "Os circuitos dos jovens urbanos". *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*. V. 17, n° 2.

MALINOWSKI, Bronislaw. Objeto, método e alcance desta pesquisa. In: *Argonautas do pacífico ocidental*. São Paulo: Editora Abril, 1976. p.17-34.

MOCELIN, Daniel Gustavo. *História e Trajetória de Vida*. 2010. Disponível em: <http://fatosociologico.blogspot.com/2010/07/historia-e-trajetoria-de-vida.html> , acesso em 30 de Outubro 2011.

MONTEIRO, Linderval Augusto. *Baixada Fluminense, identidades e transformações: Estudo de relações políticas na Baixada Fluminense*. Dissertação (Mestrado em História Social) - Programade Pós-graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.

NASCIMENTO, Clarissa Staffa. "*Além da Imagem: experiências e memórias populares através da TV Maxambomba*". Dissertação de Mestrado. PPGH-UFF. Niterói, 2009.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: _____. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Editora Unesp/ Paralelo 15. p. 17-35.

ONOFRE, Leonardo de Freitas. "*Circulação de artistas e produtores culturais nos espaços dos bares iguaçuanos: o caso do Daniel's Bar (1989-1997)*". Universidade Federal Rural do Rio Janeiro, Instituto Multidisciplinar. Nova Iguaçu. 2011

PRADO, Walter. "*História Social da Baixada Fluminense: das sesmarias a foros de cidade*". Rio e Janeiro, Ecomuseu, 2000.

RUBIM, Antônio Albino Canelas Rubim. "*Políticas Culturais no Brasil*". EFUFBA, Salvador. 2007.

SIMÕES, Ricardo. "*A cidade estilhaçada: reestruturação econômica e emancipações municipais na Baixada Fluminense*". Mesquita. Ed. Entorno, 2007.

SOUZA, Sonali Maria. A memória dos laranjais nas cidades dos loteamentos. In: Torres (org). *Baixada Fluminense*

TORRES, Rogéio. *Evolução histórica dos distritos e os processos de emancipação. Duque de Caxias*. In: Torres, Gênesis (org). *Baixada Fluminense: a construção de uma história: sociedade, economia e política*. São João de Meriti, IPAHB Editora, 2004. p. 161-164

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In:_____. *Individualismo e cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008 [1978]. p. 121-132.